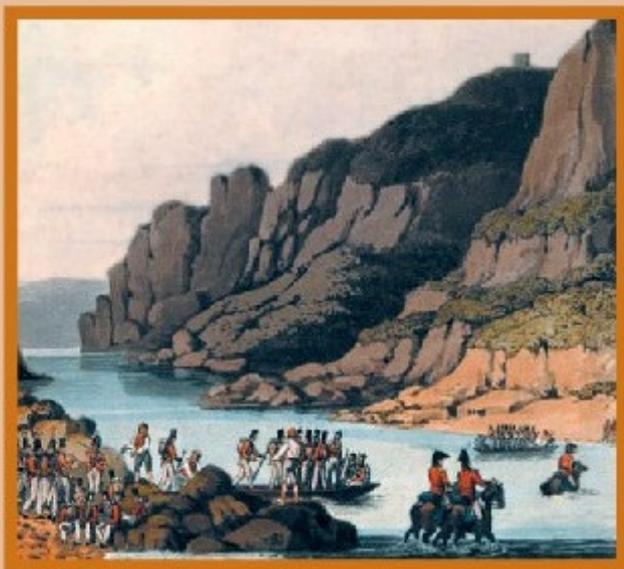


# ACADEMIA

**A. Nunes, J. Hormigo,  
F. Henriques, J. Caninas, F. Correia**

## **As Invasões Peninsulares e a Região de Rodão-Proença**



**Nº**

# ACAFA5

## 2002

Açafa foi o nome de um território doado por D. Sancho I aos Templários no século XII que correspondia sensivelmente aos actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa, além de outros territórios situados em ambas as margens do Tejo internacional.

Registo de Imprensa n.º 119115  
(Secretaria - Geral do Ministério da Justiça)

### **Edição e Propriedade:**

Associação de Estudos do Alto Tejo / Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Edifício dos Antigos Correios, Avenida das Bela Vista, 6030 Vila Velha de Ródão

**Director:** João Carlos Caninas

**Autores:** António Lopes Pires Nunes, José Joaquim Mendes Hormigo, Francisco José Ribeiro Henriques, João Carlos Caninas e Fernando Branco Correia.

**Colaboração:** Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento (Vila Velha de Ródão) e Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos.

**Capa:** Concepção e paginação  e com a reprodução de uma litografia da autoria de William Bradford (1809).

**Apoios:** Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, Câmara Municipal de Proença-a-Nova, Instituto Português da Juventude - Delegação de Castelo Branco, ADRACES - Associação para o Desenvolvimento da Raia Centro-Sul

**Tiragem:** 1000 exemplares

**Impressão e Acabamento:**  
GRAFICAMPO – Artes Gráficas, Lda.

Depósito Legal n.º:

ISSN n.º:

**SOLICITA-SE PERMUTA, ON PRIE L' ÉCHANGE,  
EXCHANGE WANTED, SOLLICITIAMO INTERCAMBIO**

## Edições da



*Associação de Estudos do Alto Tejo*

Núcleo Regional de Investigação Arqueológica

**AÇAFA**, série monográfica

**Nº 1**, Francisco Henriques,

A Festa do Espírito Santo no Ladoeiro e no Sul da Beira Interior, 1997.

**Nº 2**, Francisco Henriques,

O Louco e os Outros, 1998.

**PRESERVAÇÃO**, revista

**Nº 14-16**, Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Mário Chambino,

Carta Arqueológica do Tejo Internacional, vol. 2 (1995), vol. 3 (1993).

**Nº 17**, Joaquim Baptista, Carta Arqueológica da Freguesia de Idanha-a-Velha, 1998.

**ITINERÁRIOS POR TERRAS DA AÇAFA**, desdobráveis

João Carlos Caninas, Francisco Henriques e Jorge Gouveia,

**Património Construído na Área das Portas de Ródão**, 1995.

Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Jorge Gouveia,

**Arte Rupestre do Tejo**, 1996.

**Separatas**

João Luis Cardoso, João Carlos Caninas e Francisco Henriques,

**Duas Cabanas Circulares da Idade do Bronze do Monte de São Domingos**

(**Malpica do Tejo, Castelo Branco**), separata da Revista Estudos Pré-Históricos, nº 6,

Centro de Estudos Pré-Históricos da Beira Alta, 1998, Viseu.

**ALTO TEJO**, boletim informativo

**Nº 32/33**, Novembro de 2000.

**António Lopes Pires Nunes, José Joaquim Mendes Hormigo, Francisco  
Henriques, João Carlos Caninas e Fernando Branco Correia**

**Actas do Colóquio  
"As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão"  
(Vila Velha de Ródão, Maio de 2000)**

**Iniciativa integrada no Projecto:  
VAMBA - Valorização Ambiental das Portas de Ródão e no Projecto  
AÇafa - Arqueologia Medieval das Portas de Ródão, organizada  
pela Associação de Estudos do Alto Tejo e pela Câmara Municipal  
de Vila Velha de Ródão**

**Vila Velha de Ródão 2002**

## Nota Introdutória

Neste número da revista AÇAFA publicam-se as comunicações apresentadas no Colóquio “As Invasões Peninsulares e a Região de Ródão”. Esta iniciativa de divulgação e debate, que integra o ciclo de colóquios denominado Encontros de Ródão, teve lugar, no dia 13 de Maio de 2000, no Salão Nobre da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão.

A abertura esteve a cargo do Presidente da Câmara Municipal, Eng<sup>o</sup> Vitor Carmona, e do Coordenador - Geral da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), Dr. Jorge Gouveia. O Colóquio foi moderado pelo Coronel Francisco Sousa Lobo, actual Presidente da Associação Portuguesa dos Amigos do Castelos.

As comunicações apresentadas neste colóquio, cujos textos agora se publicam, deram a conhecer as invasões militares que tiveram como palco a Beira Baixa e, em particular, a Região de Ródão e Proença, nos Séc. XVIII e XIX, dos pontos de vista histórico-militar (A. Nunes), iconográfico (J. Hormigo) e arqueológico (F. Henriques, J. Caninas e F. Correia).

A primeira comunicação contém uma caracterização histórico-militar da Guerra dos Sete Anos, da Guerra da Sucessão e da 1<sup>a</sup> Invasão Francesa salientando a importância da região de Ródão na defesa do país. Seguidamente, são apresentadas quatro gravuras representando as Portas de Ródão, durante as Invasões Francesas, da autoria dos militares ingleses George Landmann, William Bradford, George Cumberland Júnior e Thomas Saint Clair.

Finalmente, foram apresentados os resultados da identificação e caracterização arqueológica de várias estruturas militares sobranceiras ao Tejo, em Vila Velha de Ródão, e do notável conjunto de fortes e baterias situados nos cimos que dominam a Ponte do Alvito, no concelho de Proença-a-Nova.

Este Colóquio inscreveu-se no programa de actividades dos Projectos VAMBA (Valorização do Castelo de Ródão da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente - Vila Velha de Ródão) e AÇAFA.

O Projecto VAMBA iniciado em 1998, tem como objectivos gerais: o estudo e recuperação do conjunto classificado constituído pelo Castelo de Ródão e pela Capela de Nossa Senhora do Castelo; a caracterização e monitorização ambiental da área envolvente das Portas de Ródão; a promoção de um uso sustentável daqueles imóveis e zona envolvente.

Aqueles objectivos têm vindo a concretizar-se através de sub-projectos respeitantes: à investigação arqueológica do Castelo e da Capela (Projecto Açafa); à caracterização ambiental da área das Portas de Ródão ao nível da geologia, da flora e da avifauna; à consolidação, restauro e valorização do Castelo e da Capela; à instalação de infraestruturas de apoio a visitantes e ordenamento do espaço público; à promoção de actividades turístico-didácticas.

Este Projecto, que tem sido liderado pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão, através da Senhora Vereadora Edite Candeias, e coordenado pela Associação de Estudos do Alto

Tejo, através do Eng. João Caninas, conta com a participação de diversas entidades públicas e privadas, nomeadamente a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, o Instituto Português de Arqueologia, a Direcção-Geral do Património, o Instituto Português do Património Arquitectónico, o Instituto da Conservação da Natureza, o Instituto Geológico e Mineiro, a Fábrica Paroquial da Igreja, a Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves e a Junta de Freguesia de Vila Velha de Ródão.

Os trabalhos de escavação arqueológica no Castelo tiveram início em 1999, ao abrigo do Projecto AÇafa (Arqueologia Medieval das Portas de Ródão). Este projecto foi aprovado pelo Instituto Português de Arqueologia e tem sido co-financiado por aquele Instituto e pela Câmara Municipal. Este projecto, subscrito pela AEAT, é coordenado pelo arqueólogo Fernando Branco Correia, docente da Universidade de Évora.



Da esquerda para a direita, Coronel A. Pires Nunes, Coronel F. Sousa Lobo, morador da sessão, Dr. Francisco Henriques e Dr. Branco Correia

## **Prefácio da Câmara Municipal de Vila Velha de Rodão**

“... Que o conhecimento do passado do Tejo nos dê maior segurança na busca das respostas correctas para a sua salvaguarda no futuro.”

**António Carlos Silva**

A História e os grandes acontecimentos têm, desde os tempos mais remotos, estado ligados, em Vila Velha de Ródão, ao Tejo.

Os rios, nomeadamente o Tejo, marcaram definitivamente o nosso concelho.

O nosso desafio será a ligação harmoniosa entre o pano de fundo-Tejo e a protecção e divulgação do nosso património.

Proteger o património é fazer a sua divulgação física com o acompanhamento histórico, baseado em documentos escritos, sempre fruto de grande trabalho de investigação.

Este será o elo de ligação entre o passado e o presente para que o futuro de Vila Velha de Ródão se transforme na apetecível descoberta dos seus variadíssimos encantos.

Este documento é uma contribuição histórica do maior interesse e simultaneamente um convite ao despertar da curiosidade de todos aqueles que aqui vivem ou que nos visitam, para disfrutarem da beleza das paisagens naturais podendo simultaneamente admirar a riqueza do património cultural de Vila Velha de Ródão.

Presidente da Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão

**Dr<sup>a</sup> Maria do Carmo Sequeira**



## **Prefácio da Câmara Municipal de Proença-a-Nova**

A mãe-natureza brindou o Concelho de Proença-a-Nova com a Serra das Talhadas que ao “nascer” ali na Catraia Cimeira<sup>(1)</sup> ofereceu aos estrategas militares uma “triplicada muralha” a que associaram os fortes e as baterias construídos, como o núcleo nas proximidades da Ponte do Alvito.

Este estudo ao reavivar a nossa memória, recordando-nos, também, a importância do “caminho de carro” de Castelo Branco até à Cortiçada e os “caminhos de pé posto” até ao Sobral Fernando, tornam mais reais as histórias que os nossos avós contavam, sobre os desmandos dos soldados franceses aquando da passagem pelas nossas terras.

Registamos que do estudo efectuado estejam já identificados vários fortes (Couratão 1, 2, 3) e 3 Baterias do início do século XIX.

Futuramente, pretendemos potenciar estes vestígios do nosso património, oferecendo aos visitantes da projectada rede de Aldeias de Xisto, mais um produto turístico-cultural!

Em suma: os comentários finais dos estudiosos que, numa prova do mais profundo carinho pela “nossa terra”, se deram ao trabalho de fazer incidir o bisturi da história nas entranhas do nosso passado, fazem-nos sentir como autarcas, ser imperativo seguir as sugestões que nos apontam, na convicção segura de que esse respeito pelo passado será o melhor fermento para que o FUTURO cresça, em consonância com o sangue derramado pelos nossos antepassados, na defesa do solo pátrio, e a esperança dos vindouros, na construção duma Terra em que de corpo e alma, valha a pena viver.

O Presidente da Câmara Municipal de Proença-a-Nova,  
**Tem. Cor. Diamantino Ribeiro André**

(1) – “Os pontos de maior altitude situam-se no marco trigonométrico do Chão do Galego (614 m) e ...”



## ÍNDICE

### **A GUERRA DOS SETE ANOS E A INVASÃO FRANCESA NA BEIRA BAIXA.**

**ASPECTOS MILITARES**, António Lopes Pires Nunes

Introdução

1. O Teatro de Operações da Beira Baixa. Portas de Ródão - Portal da Beira Baixa
  2. Vila Velha de Ródão na Guerra da Sucessão de Espanha. 1ª Fase (1704-1705)
  3. Vila Velha de Ródão e a Guerra dos Sete Anos (1762)
    - 3.1. Aspectos Político-estratégicos
    - 3.2. Os Dispositivos Militares em redor de Vila Velha de Ródão
    - 3.3. Relatório do General Bourgoyne sobre os combates em Vila Velha de Ródão
    - 3.4. As Operações Militares
  4. A 1.ª Invasão Francesa (1807)
    - 4.1. Aspectos Político-estratégicos
    - 4.2. As Talhadas e os Historiadores Militares
  5. Conclusão
- Bibliografia

### **A ICONOGRAFIA DAS PORTAS DE RÓDÃO NAS INVASÕES FRANCESAS,**

José Joaquim Mendes Hormigo

Introdução

1. Flying Bridge on the Tejo at Villa Velha
  2. View on the Tagus Near Villa Velha
  3. The Tagus at Villa Velha
  4. This view of the Pass of the Tagus at Villa Velha into the Alentejo, by the Allied Army
  5. Conclusão
- Bibliografia

### **AS ESTRUTURAS MILITARES DA SERRA DAS TALHADAS**

**(concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa),**

Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Fernando Branco Correia

Introdução

1. A Serra das Talhadas
  2. As Estruturas Militares
  3. Comentários Finais
- Bibliografia e cartografia
- Anexos



## A GUERRA DOS SETE ANOS E A INVASÃO FRANCESA NA BEIRA BAIXA. ASPECTOS MILITARES

António Lopes Pires Nunes<sup>(1)</sup>

### Introdução

Em 1194, D. Sancho I atribuiu aos Hospitalários a Guidintesta, vasto território cujo limite passava por Vila Velha de Ródão. Em breve, porém, esta tentativa de expansão territorial para leste, ao longo do rio Tejo, com a Ordem do Hospital, não pareceu ser a mais adequada porque a vocação dos Hospitalários não era a de fazer uma guerra de expansão. Por esta razão, o Rei Povoador cometeu essa tarefa aos Templários, que já haviam fundado entre outros o castelo de Monsanto e a quem seu pai, D. Afonso Henriques, havia retirado a responsabilidade sobre a Beira Baixa. Concedeu-lhes, em 1199, o não menos vasto território da Azafa que englobava também Vila Velha de Ródão e ia até terras de Idanha, fazendo-o à custa do domínio dado cinco anos antes aos Hospitalários que ficaram remetidos à região de Belver. Templários e Hospitalários cruzam-se, assim, no final do Séc. XII, na história desta vila.

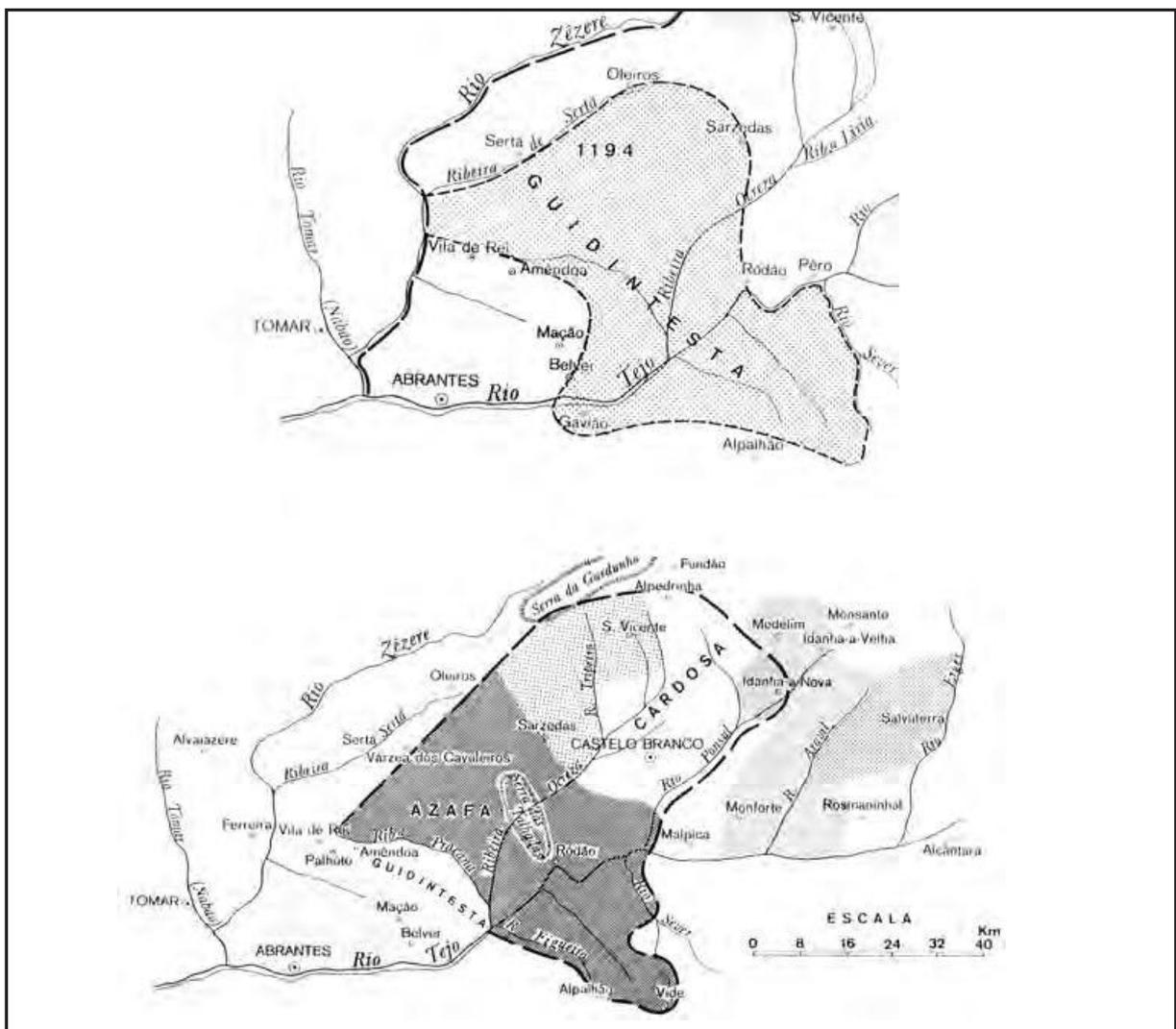


Fig 1. Os territórios da Guidintesta e da Azafa (incluída a herdade da Cardoso)<sup>2</sup>

(1) Tenente-Coronel da Arma de Artilharia. Investigador. Membro do Plenário e da Comissão Científica da Comissão Portuguesa de História Militar.

(2) Figuras do Sr. Coronel Franco Nogueira, em "Aportamentos sobre a Ordem do Templo em Portugal", Boletim da Câmara Municipal de Tomar, nº 15, 1991.

Neste contexto, a Torre Velha de Vila Velha de Ródão deve ter surgido por volta do ano 1200 não sendo de admirar que, há exactamente 800 anos, nela se trabalhasse afanosamente dada a urgência de ali ser postada uma torre de vigia que nascia numa época conturbada.

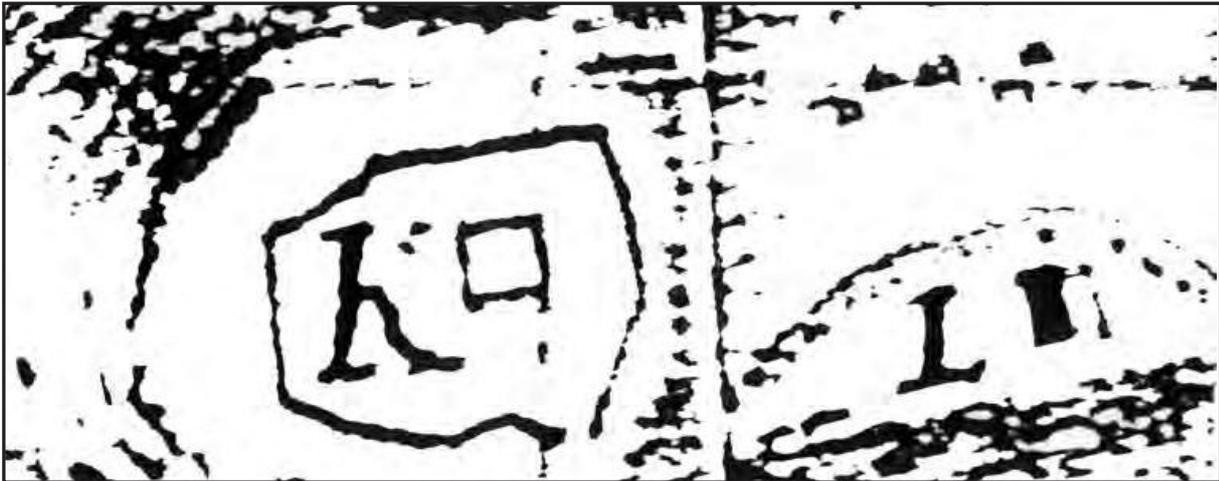


Fig. 2. Torre de Vigia de Vila Velha de Ródão (de um desenho do Séc. XVIII).

Legenda: **K** – Torre de Vigia com cerca, **L** – Igreja de Santa Maria do Castelo, **C** – Cerca da Torre de Vigia.

Lá do alto, vigiava, para sul, os movimentos árabes vindos pelo Alentejo de onde, em 1191, surgira repentinamente o Almançor que chegou às margens do Tejo e pôs mesmo em risco a própria sede de Tomar, dos poderosos Templários. Para oeste, acompanhava o movimento do rio, já cristão, em cujo leito, um pouco abaixo, Almourol cumpria a mesma missão de vigilância. Para leste, os Templários perscrutavam o horizonte acompanhando a progressão dos seus irmãos do Templo a caminho de Castelo Branco, onde chegariam e construíram o castelo 16 anos depois. Para norte, a Torre tinha a difícil missão de não se deixar surpreender pela agitação em que andavam os árabes, expulsos da linha do Mondego, numa altura em que os cristãos ainda não haviam consolidado a do Tejo.

Passados 500 anos e entrados no Séc. XVIII, a Torre ainda ali estava, como ainda hoje está, cercada de uma muralha e com a Igreja da Santa Maria do Castelo por perto, a primeira das padroeiras de Portugal que a baptizou e sempre a protegeu. Continuava ainda e com os olhos já cansados pela sua vetusta idade a vigiar o movimento comercial - que os tempos eram outros - dos produtos agrícolas que vinham da Beira Baixa e da Guarda para serem transportados pelo rio abaixo até à capital. E certamente lamentando não ter sabido fixar junto a si a respeitável povoação de Vila Velha de Ródão que preferiu espriar-se junto ao rio Tejo, onde hoje se desenvolve. E vigiava, sobretudo, os movimentos dos exércitos franco-espanhóis que durante todo este século conturbado ameaçaram Portugal.

Attendendo à grande utilidade, que se segue à Provincia da Beira, de se fazerem as conduções dos seus fructos, e generos, ao porto de Villa-Velha do Rodão, para delle serem transportados pelo Tejo à Cidade de Lisboa: Hei por bem que, por tempo de dez annos proximos futuros, paguem só meos direitos os fructos, e generos das Comarcas de Castello-Branco, e da Guarda, que se embarcarem na dita Villa para a Cidade de Lisboa: constando por Certidão dos Juizes, e Vereadores das Comarcas das Terras, donde sahirem os referidos fructos, que forão nellas produzidos. O Conselho da Fazenda o tenha assim entendido, e o faça executar. Nossa Senhora da Ajuda a 19 de Outubro de 1759. — Com a Rubrica de Sua Magestade.

*Regist. na Secretaria de Estado dos Negocios do Reino  
a fol. 22. e impr. avulsa.*

Vigiava os morros que a dominavam, vigiava as estradas da Beira que a eles conduziam, vigiava as passagens do Tejo e, principalmente, vigiava a aproximação dos exércitos vindos da Beira ou pelo Alentejo, para propiciar a defesa desses morros que o mesmo é dizer a defesa à distância de Lisboa e, conseqüentemente, a defesa de Portugal. E, no Séc. XVIII, sempre se saiu bem deste desiderato.



Fig. 3. A Torre de Vila Velha de Ródão (foto do autor, década de 70).

### **1. O Teatro de Operações da Beira Baixa. Portas de Ródão - Portal da Beira Baixa**

Em tempos históricos, o Teatro de Operações da Beira Baixa era uma armadilha militar. Localizado na sequência de um eixo de penetração que, em território espanhol, se encaixa entre o Maciço Central (Serras de Guadarrama, Gredos e Gata) e o rio Tejo e parecendo o mais fácil, o mais curto e directo para atingir Lisboa convida um invasor a entrar por ele mas as suas características alteram-se em território português. Suba-se ao castelo de Castelo Branco e ficar-se-á com ideia aproximada da configuração topográfica desta região. Um arco montanhoso, desenvolvido de NE para SW, que termina nas Talhadas, sobranceiras a Vila Velha de Ródão e que, em grande parte, dali se avista, isola-o por completo.

Os rios cortam a Beira Baixa perpendicularmente ao eixo de entrada e o Tejo e seus afluentes e sub-afluentes são muito alcantilados e encaixados e, não havendo pontes, as travessias a vau tornavam-se muito difíceis. O rio Zêzere reforça este isolamento, ao acompanhar grande parte daquele arco orográfico, e prolonga-o ao inflectir para sul no seu curso final para se juntar ao Tejo, próximo de Constança, (Punhete em tempos históricos). A forte obstacularidade do vale do Tejo, e as escassas entradas na fronteira do rio Erges, também ele muito alcantilado, completam a acção isoladora dos acidentes naturais. A falta de recursos e a pobreza do solo, com excepções para pequenas manchas, juntaram-se sempre ao cariz de isolamento desta província. As suas gentes, impossibilitadas de contactos fáceis, foram-se fixando à terra e habituando a resolver por si os seus problemas acabando por forjar, ao longo dos séculos, uma cultura e uma filosofia próprias que se tornaram muito

suas. Muito arreigado à sua terra, que tanto lhe custa a manter, não tolera intromissões.

Na região de Vila Velha de Ródão, o acidentado do terreno complica-se de tal forma que é aqui, nos seus morros, que se decide o destino de um invasor que cometa a imprudência de avançar por esta infiltrante da Beira Baixa, para alcançar Lisboa.

Na margem direita do rio Alvito, levanta-se uma linha de montanhas escarpadas que correm perpendicularmente ao Tejo, desde o Mouradal até Vila Velha de Ródão, cortada apenas por dois caminhos, que a atravessam pelos seus dois colos.

O caminho de Castelo Branco, por Sarzedas e Sobreira Formosa, atravessava essa linha na depressão da Portela das Talhadas mas, antes e depois dessa passagem, era preciso atravessar sucessivamente, a vau, a Líria, o Ocrea, o Alvito e o Froia. A Portela das Talhadas era praticamente inexpugnável.

O outro caminho de Castelo Branco passava pelo Perdigão em direcção a Mação e atravessava as montanhas na Portela da Milheiriça. Depois de romper por aqui a mesma linha de alturas, surgia a oeste das montanhas o Ocrea, correndo num leito profundo e não vadiável.

O Zêzere, como pano de fundo, pela sua largura e profundidade, era um obstáculo excepcionalmente profundo e um verdadeiro inferno para as depauperadas tropas que eventualmente se aventurassem pelas Talhadas e as ultrapassassem.

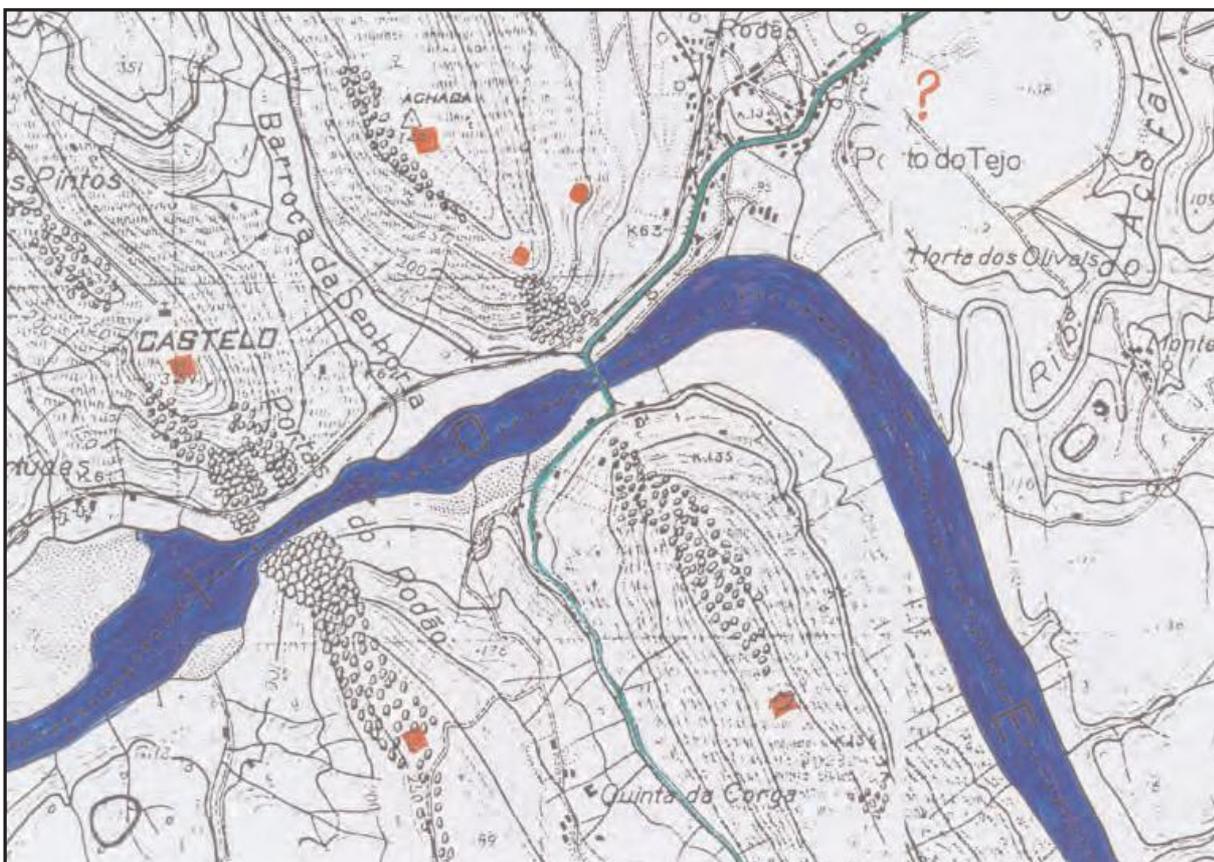


Fig. 4. As Talhadas e os seus dois colos na margem direita do rio Alvito.

Apesar das extremas dificuldades geográficas, por três vezes um exercito invasor optou por atravessar a Beira Baixa e chegar a esta região - no início do Séc. XVIII, durante a Guerra da Sucessão de Espanha, durante a Guerra dos Sete Anos, em meados do mesmo século e ainda por ocasião da 1ª Invasão Francesa, no início do Séc. XIX. Apenas o General francês Junot, logrou atravessar as Talhadas na região de Vila Velha de Ródão para chegar a Abrantes em condições miseráveis e alcançar Lisboa. Mas teve a sua progressão facilitada. O Príncipe Regente D. João, depois D. João VI, antes de partir para o Brasil deixara ordens para não haver qualquer oposição militar ao invasor, em nome da tentativa de evitar um derramamento de sangue e a invasão fez-se exclusivamente contra as dificuldades do terreno, das vias de comunicação e as intempéries.



Fig. 5. A Torre de Vigia de Vila Velha de Ródão, Sentinela do Tejo (foto do autor).



Fig. 6. Aos pés da Torre de Vigia, as Portas de Ródão, verdadeiro portal da Beira Baixa (foto do autor).

## **2. Vila Velha de Ródão na Guerra da Sucessão de Espanha. 1ª Fase (1704-1705)**

No mês de Maio de 1704 a Beira Baixa estava em estado de guerra, por motivo de uma crise dinástica em Espanha inserida na procura de um equilíbrio europeu, que não foi cabalmente conseguido com a Paz de Westefália de 1668, que pôs termo à Guerra dos 30 Anos, que tanta influência teve na Restauração de Portugal.

Em 1689, Carlos II de Espanha, que enviudara sem filhos, consorciou-se novamente com uma princesa de ligação austríaca, de quem também não teve descendentes. Como pretendentes ao trono de Espanha alimentavam vagas esperanças, D. Pedro II de Portugal, pela linha dos Reis Católicos e, mais fundamentadas, Luís XIV de França da linha Bourbon e ainda o Imperador Leopoldo de Áustria através do seu filho, o Arquiduque Carlos. Só a complexa política de casamentos praticados no séc. XVII entre as várias coroas, explicam a teia de interesses que se moveram em redor da futura ocupação do trono espanhol.

Carlos II, após várias vicissitudes e antes de morrer, fez um testamento em favor de Filipe de Anjou, neto de Luís XIV e ninguém viu com bons olhos que as coroas de França e de Espanha se reunissem na mesma cabeça.

Por outro lado, a guerra que se adivinhava, por morte do rei de Espanha, era claramente a do poder continental (França e Espanha) contra o poder marítimo (Inglaterra e Holanda) entre os quais Portugal, em zona ribeirinha, balanceava; primeiro apoiando Filipe de Anjou, aclamado Rei de Espanha, o que não convinha à potência marítima e, depois, forçado pela Inglaterra a mudar de posição e a tomar o seu partido que era o de impor Carlos de Áustria, com o título de Carlos III.

O nosso país vai ser a base de operações para impor o Arquiduque Carlos.

Em 7 de Março de 1704 chega a Lisboa a armada anglo-holandesa, conduzindo o Arquiduque Carlos, para o impor pela força como Carlos III de Espanha, mas no nosso país, os aliados hesitam sobre a forma de conduzir a guerra, uma vez que Carlos III não queria molestar “o seu povo”. Filipe V decidiu aproveitar essa hesitação e, em 30 de Abril, declara guerra a Portugal e abre as hostilidades ao mesmo tempo que, em Castela, se criou um clima de resistência popular, em favor do seu reino, que se manteve toda a guerra e foi uma das causas da sua vitória. Durante os primeiros 15 dias as regiões fronteiriças da Beira e do Alentejo começaram a sentir o efeito da guerra mas o maior esforço de Filipe V vai incidir na região de Castelo Branco, que assim é palco desta fase da Guerra da Sucessão de Espanha. Um exército franco-espanhol de 40.000 homens, comandados por Berwick, que incluía o próprio rei, transpôs o Erges, em 7 de Maio, junto a Salvaterra do Extremo, que foi o primeiro alvo da investida a que se seguiram Segura, Zebreira, Penha Garcia, Idanha-a-Nova e Idanha-a-Velha que caíram com pouca resistência. Monsanto, apesar de oferecer maior oposição, caiu no dia 16.

Nestas povoações, não obstante as ordens de Filipe V para que não houvesse violências desnecessárias, nem saques, no que imitou a atitude do Duque D' Alba em 1508, não pode evitar os exageros, que punia com pena de morte. As povoações beirãs foram saqueadas com grande violência, em especial Idanha-a-Nova e Monsanto, onde apenas foram poupadas as igrejas, conforme Damião Peres.

Todas estas conquistas eram preliminares do ataque à povoação principal – Castelo Branco, que foi atingida em 20, e a sua população intimada a render-se. Os defensores da vila recusaram entregar-se e, refugiados nas muralhas, resistiram até que as portas cederam. Castelo Branco caiu em 22, mas a guarnição do castelo resistiu até 25, o que é notável se atendermos a que no sé. XVIII os obsoletos muros medievais para nada serviam.

Provavelmente começou aqui a destruição do castelo e da cerca de Castelo Branco.

Esta primeira campanha, de 1704, foi minuciosamente narrada pelos espanhóis em sucessivos relatos para Madrid que eram publicados em gazetas então impressas em Cádiz. A cronologia do assalto e da tomada de Castelo Branco consta de relatos em duas gazetas (3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>) onde Berwick refere que a resistência albicastrense foi grande no castelo. Tudo fazia supor que o exército de Berwick seguisse o Vale do Tejo a caminho de Lisboa pois dirigiu-se a Vila Velha de Ródão, que foi atingida a 29. Porém, contra todas as expectativas, Filipe V resolveu atravessar o Tejo para o Alentejo e juntar-se ao seu exército que aqui operava sob o comando de Tily. Ocupou Nisa e Alpalhão e subiu a Serra de S. Mamede. Juntou os dois exércitos em Portalegre e, em seguida, atacou Castelo de Vide. Porém, o cariz da guerra ia mudar, no ano seguinte.

O exército aliado comandado nominalmente por Pedro II de Portugal mas efectivamente pelo holandês Fagel, avança para Abrantes, onde se instala em expectativa estratégica, enquanto o Marquês de Minas, governador das Beiras, instalado em Almeida, decidiu em 1705 atacar Fuente Guinaldo, em território espanhol, ousadia que lançou o pânico nas guarnições da Beira Baixa que haviam ficado nas povoações tomadas e que à aproximação do chefe português, caem nas suas mãos. Este grande e desconhecido chefe militar que foi transferido para governador do Alentejo em 1706, lança uma irresistível contra ofensiva em Espanha, ocupando, uma após outra, Alcântara, Cidade Rodrigo, Salamanca e Madrid, onde impõe a aclamação de Carlos III, sem que Berwick, que sempre o seguiu, o pudesse travar. No dizer de Carlos Selvagem, o historiador, escritor e dramaturgo com ligações familiares na cidade de Castelo Branco foi a resposta, ponto por ponto, à ocupação portuguesa de 1580 pelo Duque D' Alba para impor Filipe II. Se os aliados não ganharam a guerra e Carlos III não se manteve, a culpa não lhe cabe. Monsanto foi a última posição a ser reocupada em 1705, após o que o exército entrou em quartéis de Inverno, ficando em mãos espanholas apenas Salvaterra que o Marquês de Minas libertou na Primavera seguinte, antes de ir para o Alentejo.

Como é sabido em 1707 o exército aliado foi derrotado na Batalha de Almansa começando o êxito de Carlos III a ser comprometido, nunca mais conseguindo impor-se a Filipe II.

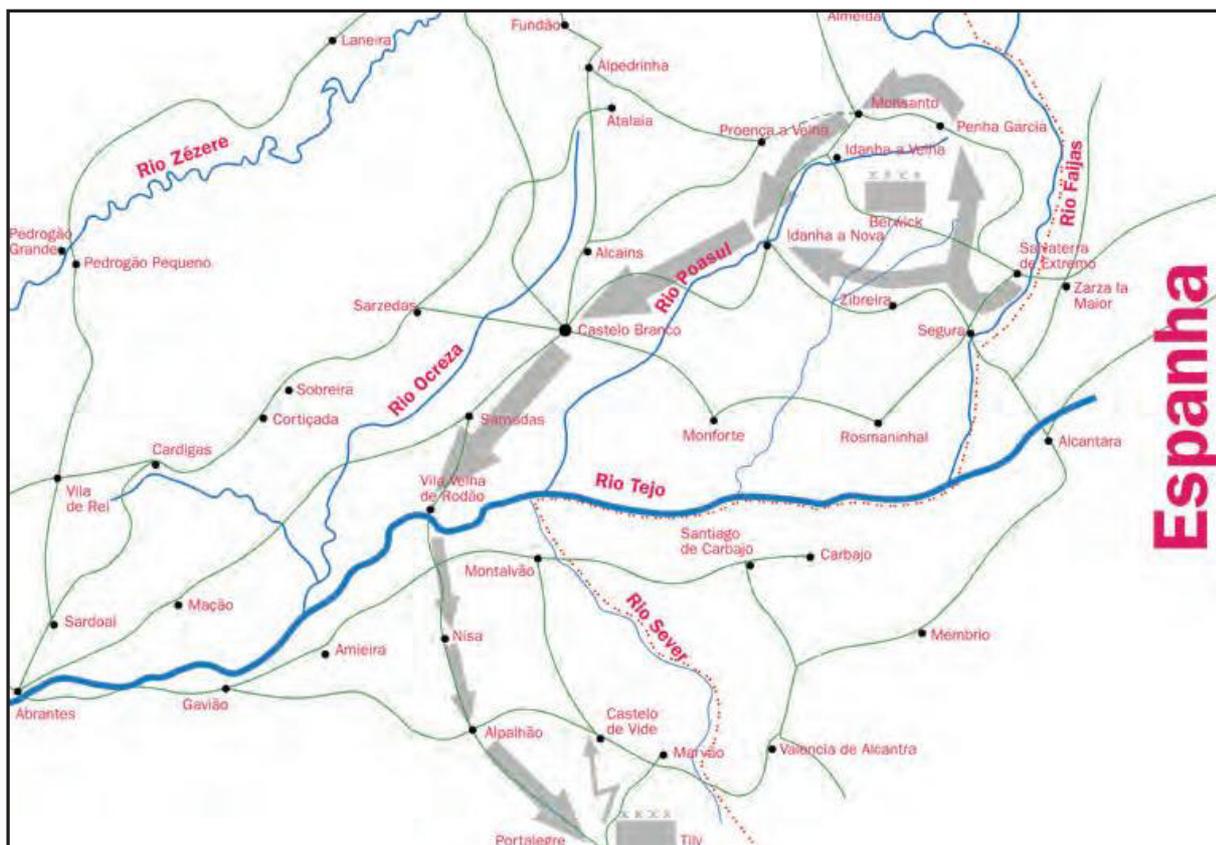


Fig. 7. A invasão do exército franco-espanhol, em 1704 (esquema do autor).

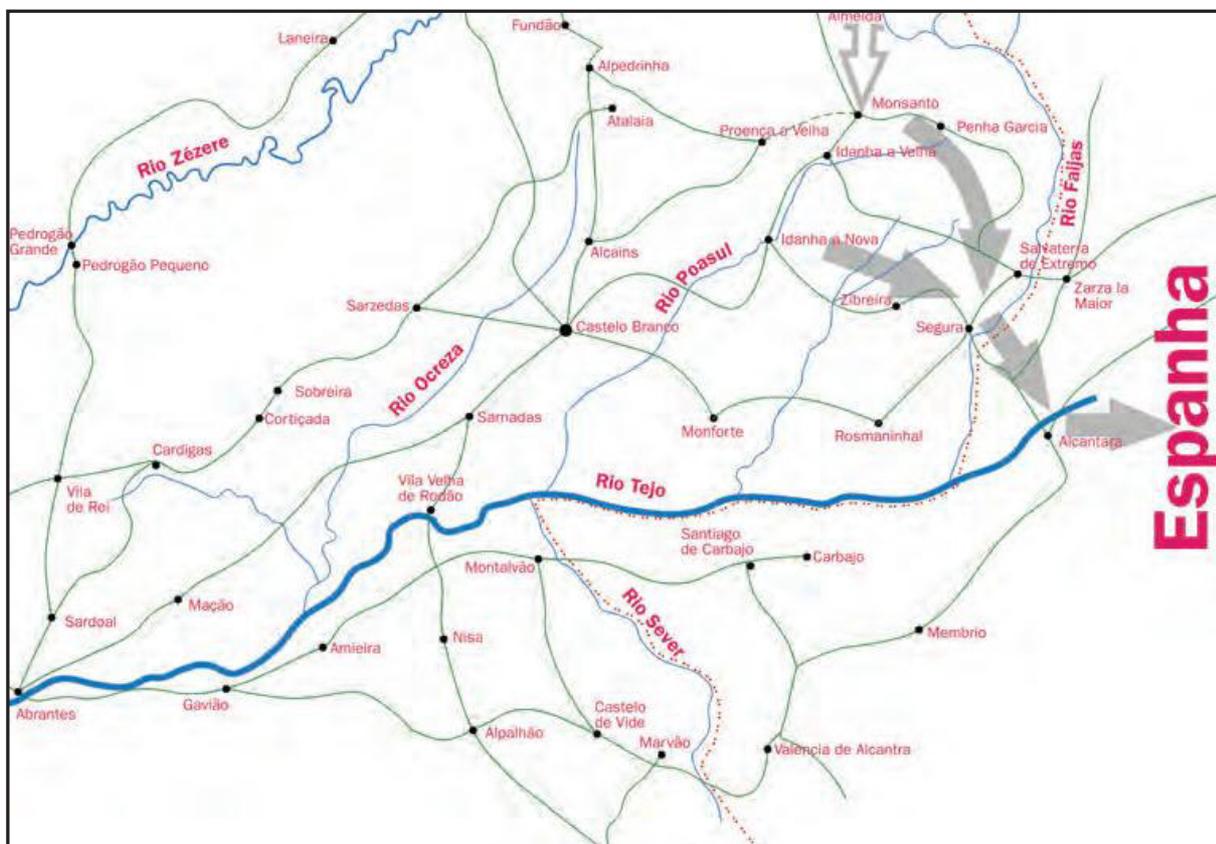


Fig. 8. A contra ofensiva do Marquês de Minas, em 1705 (esquema do autor).

### 3. Vila Velha de Ródão e a Guerra dos Sete Anos (1762)

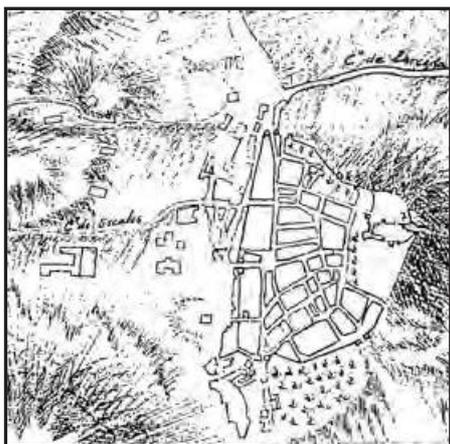


Fig. 9. Esboço topográfico de Castelo Branco – Guerra dos 7 anos (1762).

#### 3.1. Aspectos Político-estratégicos

Ainda não haviam passado 50 anos sobre a Paz de Utreque de 1715, com que terminara a Guerra da Sucessão de Espanha, e já a Europa entrava de novo em guerra no ano de 1756.

A França e a Inglaterra, mercê de um conflito iniciado pela posse do Canadá, que deveremos ver inserido em plena Revolução Industrial e na procura de territórios com matérias primas e potenciais mercados, reacenderam as hostilidades.

A Península Ibérica conseguiu manter-se alheia à contenda, até 1762, mas o complicado jogo de alianças, que imediatamente se constituiu, não a deixou imune.

Esta guerra que a História conhece por Guerra dos Sete Anos, tal como a Guerra da Sucessão de Espanha, era também e essencialmente um confronto claro entre a potência continental, França e a potência marítima, a Inglaterra, que, saindo vitoriosa, voltaria as armas contra a rica América Espanhola. O borbónico Carlos III de Espanha, mal subiu ao trono, fez uma aliança com a França dos Bourbons, aliança que se estendeu à Itália e que ficou conhecida pelo Pacto de Família.

Os Ingleses, como represália tomaram imediatamente Havana e Manila à Espanha. A aliança franco-espanhola resolveu coagir Portugal, em 24 de Abril de 1762, a entrar na guerra para privar a Inglaterra de bases navais nos nossos portos. Mas, como toda a política externa de Portugal girava à volta da antiga aliança inglesa, o nosso país, conduzido pelo Marquês de Pombal, rejeitou a intimidação e apelou para a Inglaterra.

Enquanto esta não envia um exército e não chegava o chefe militar que nos escolheu, o celeberrimo Conde de Lippe, improvisou um exército, à boa maneira portuguesa e com ele se preparou para a guerra. Foi nesta altura que a lenda atribui ao Marquês de Pombal a frase que teria dito ao embaixador espanhol que o ameaçava: “diga ao seu Rei que um português em sua terra vale muito. Mesmo depois de morto são necessárias duas pessoas para o remover”. Pura bravata de quem não tem exército e de quem os poucos quadros da nobreza desconfiam em absoluto. A posição que mais nos interessava era a neutralidade mas sem exército para a assegurar, entramos paradoxalmente em guerra sem ele.

Tal como virá a suceder com a invasão de Junot, o Marquês tomou as suas precauções acerca do rei e da família real, fazendo ancorar duas naves de guerra, em frente a Belém, prontas a transportá-lo, em caso de necessidade, a qualquer domínio ultramarino.

A primeira fase da guerra iniciou-se logo após a ultimato e, em 30 de Abril de 1762, as tropas franco-espanholas entraram por Trás-os-Montes mas a guerrilha do povo transmontano e as dificuldades do terreno fizeram-nos retroceder a Espanha.

Porém, a guerra vai reiniciar-se com a entrada, por Almeida, em 30 de Julho do mesmo ano,

de um exército franco-espanhol, comandado pelo Marquês de Sarriá, com cerca de 40.000 homens e 93 canhões.

O Conde de Lippe, entretanto chegado a Portugal e já em Abrantes, concebera uma estratégia contando que Almeida resistisse algum tempo, mas esta praça caiu em 25 de Agosto, sem resistência, o mesmo sucedendo com Castelo Rodrigo. De Almeida, Sarriá caiu sobre Celorico da Beira e Alfaiates que também praticamente se renderam, o que leva o Conde de Lippe a escrever ao Marquês de Pombal "... eis a quinta fortaleza que se rende sem dar um tiro ..." A isto chegara a defesa do país!

Mas sucedeu o facto providencial de Sarriá ter recebido ordem para ser substituído pelo Conde de Aranda que inflectiu na estratégia militar e avança para a Beira Baixa. Ocupou Penamacor e, em 17 de Setembro, Salvaterra do Extremo rendeu-se-lhe sem disparar um tiro. Em 21 de Setembro, Aranda ocupa Castelo Branco e, em 2 de Outubro, o posto fortificado de Vila Velha de Ródão. Em 3 de Outubro, seguem para Porto Cabrão (hoje Foz do Coabrão), deixando uma guarnição e artilharia em Vila Velha de Ródão.

O exército invasor parece querer avançar sobre Abrantes por Cardigos e Vila de Rei e ultrapassa Sobreira Formosa. E, começam as dificuldades para o invasor porque se aproxima da posição de um militar distintíssimo da Escola Prussiana de Frederico, o Grande.

O Conde de Lippe, de Mação retrocede para Abrantes e fortifica-se de modo a tornar impossível a passagem de Aranda. Ao mesmo tempo ordena ao General Towshend, que havia feito deslocar para a Beira Alta, que avançasse a todo o custo para a área do Fundão e cortasse as retiradas ao exército inimigo. No Alentejo o General Bourgoyne inquieta as forças inimigas, assalta a posição de Vila Velha Ródão, captura oficiais, sargentos e praças e inutiliza e apreende material de artilharia. Este general cuja acção importantíssima consta de um documento raro publicado há muitos anos no Boletim da Casa das Beiras, e que aqui reproduzimos, desempenha um papel notável pois evitou que o inimigo pudesse transpor o Tejo e escapar-se por Badajoz.

Ameaçado de destruição à medida que o Conde de Lippe movimenta as suas forças e limitado no terreno, Aranda recua para Sobreira Formosa e Castelo Branco. Em 19 de Outubro a nossa região começa a ficar livre. Aranda, sempre perseguido e ameaçado chega a Penamacor e Monsanto, acabando por retirar por Salvaterra e Segura, cuja fortaleza faz destruir.

Em 22 de Novembro o inimigo propõe uma trégua de armas, até que o Tratado de Fontainebleau de 10 de Fevereiro de 1763 pôs fim à guerra sem mais hostilidades.

Pelo Tratado de 3 de Fevereiro de 1763, havia sido acordado que nos eram restituídas as praças de Almeida e Chaves, tomada logo no início da Campanha e a Colónia de Sacramento, na América do Sul que já reclamávamos na Guerra da Sucessão de Espanha, décadas antes. Desta campanha, o que é raro, o inimigo deixou esboços de muitas povoações ocupadas, com a posição das suas tropas, que o distinto investigador, Sr. Coronel Salema, encontrou no Arquivo Histórico Militar. Dessa colecção de 49 desenhos fazem parte 25 esboços de povoações da Beira Baixa, entre os quais o de Castelo Branco e o de Vila Velha de Ródão, que a seguir apresentamos .

### 3.2. Os Dispositivos Militares em redor de Vila Velha de Ródão

O dispositivo das reduzidas forças portuguesas deixado em Vila Velha de Ródão e o movimento da chegada das tropas inimigas para a ocupação do castelo deduz-se do esboço seguinte deixado pelo invasor na precipitação da sua retirada final, sendo a legenda importante para a sua compreensão. As forças do General Bourgoyne estão postadas a sul do Tejo em (M). De realçar a existência de um grande conjunto de pequenos redutos mandados construir pelo Conde Lippe, alguns dos quais só esboçados (I), muitos dos quais ainda ali se encontram.

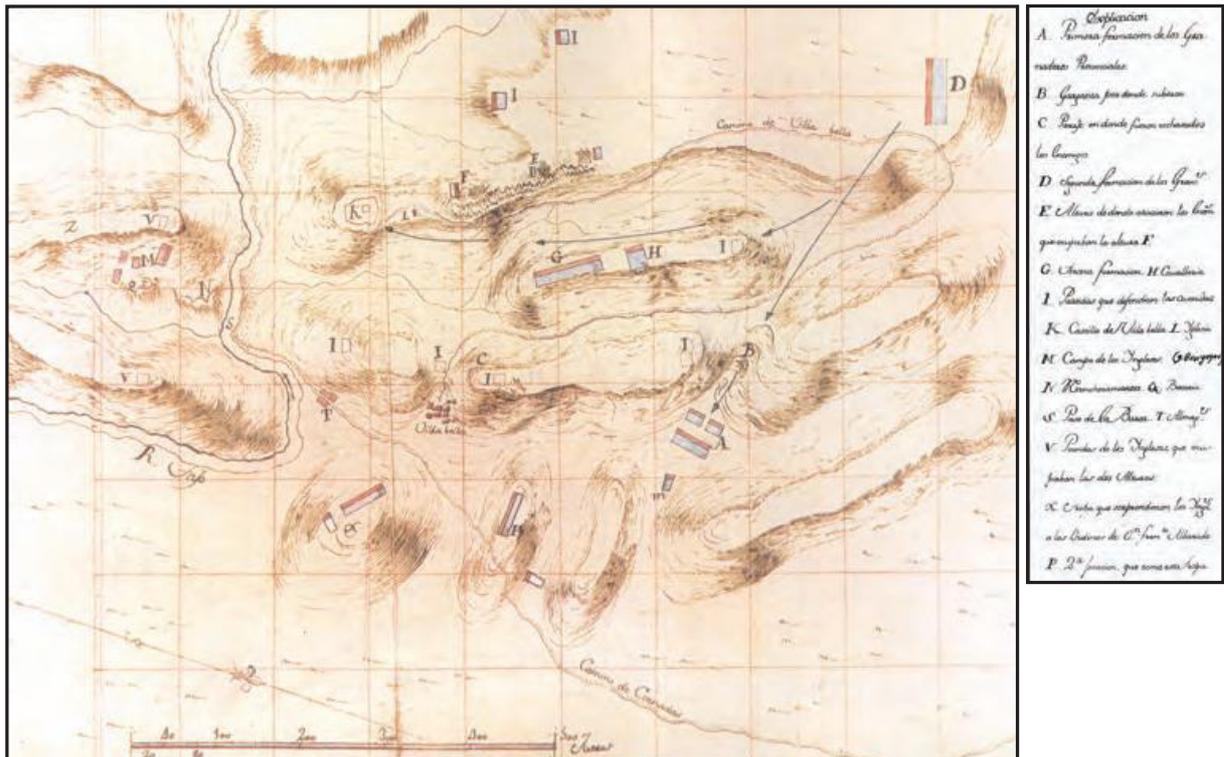


Fig. 10. Esboço abandonado pelo inimigo durante a retirada. As setas indicam as posições tomadas pelo invasor ao chegar a Vila Velha. O castelo (K) foi tomado.

### 3.3. Relatório do General Bourgoyne sobre os Combates em Vila Velha de Ródão

A heróica acção militar levada a efeito pelo General Bourgoyne sobre as posições inimigas em redor de Vila Velha de Ródão consta do seu relatório de 9 de Outubro de 1762 e foi transcrito no Boletim da Casa das Beiras por F. de Pina Lopes que refere em nota que o relatório até então inédito fora encontrado por sua prima Dr.<sup>a</sup> Joaquina Matoso de Oliveira Flores, na Biblioteca da Universidade de Coimbra na Secção de Manuscritos sob os números 509 1537. Por ser um documento absolutamente essencial para o conhecimento dos combates travados à volta de Vila Velha de Ródão, que decidiram a derrota do exército franco-espanhol invasor e o obrigaram a retroceder a Espanha, transcrevêmo-lo na integra.

«No dia 30 do mês passado, achando que o inimigo marchava, em grande número para passar a Vila Velha, marchei das alturas que até então ocupava, entre Niza e Montalvão, deixando em pé as barracas da minha primeira linha, afim de enganar o inimigo. Fui acampar a uma passagem muito junto da estrada real, e aqui comecei a fortificar-me. Mas sabendo, durante a route, que o inimigo avançava na minha frente, fui também

*marchando com os granadeiros ingleses, e postei-me sobre as alturas vantajosas junto do Tejo. No outro dia, pela manhã, 1 de Outubro, fiz avançar tôda a minha infantaria, excepto um Batalhão do Regimento de Olivença, que deixei postada em Niza para sustentar a minha cavalaria, a qual tinha disposto de forma que com ela formava uma cadeia de postos sôbre as fronteiras, desde Montalvão até Castelo de Vide.*

*No mesmo dia encontrei um engenheiro que o Marechal tinha colocado no Castelo de Vila Velha, que está sôbre uma Montanha da outra parte do rio, com a intenção de fortificar também êste lugar.*

*O Marechal tinha colocado um Batalhão do Regimento de Aveiras naquele Castelo.*

*Junto da noute, percebendo que um grosso Corpo inimigo marchava para mim, ordenei que um piquete de noventa homens, do Regimento de Aveiras, ocupasse a altura por onde o inimigo devia passar para o Castelo. E, na mesma tarde, houve um vivo fogo de mosquetaria entre a minha vanguarda, duma banda do rio, e a do inimigo, da outra. Durante a noute empreguei todos os paizanos que pude ajuntar, e todos os soldados que tinha de resto, a fortificar o mesmo posto.*

*À minha mão direita havia dois vãos, que não se podiam defender do terreno da parte do inimigo, sendo muito alto; e o terreno do meu lado era tão cheio de rochedos, que havia pouquíssimo com que cobrir a mosquetaria, e muito menos a artilharia. Além disto, não havia caminho algum que o inimigo pudesse tomar da sua parte do rio, de sorte que, depois de o ter passado, se acharia obrigado a formar as suas tropas debaixo do meu fogo, e a atacar-me subindo um outeiro um pouco áspero, e ficar exposto ao fogo da minha artilharia, pela frente e pelo flanco.*

*Na manhã do dia dois, achei que o Piquete do Regimento de Aveiras, colocado sôbre a Montanha, se tinha deixado surpreender. Ao meio dia recebi uma nota, informando-me que no Castelo havia necessidade de munições de guerra e de bôca.*

*O inimigo avançava sempre; pela tarde, o comandante do Castelo mandou dizer-me temer de perder a Praça, se não fôsse socorrido.*

*Logo destaquei uma Companhia de Voluntários Reais, com algumas munições, para o socorrer. E esta Companhia, depois de muitas fadigas e firmeza, ganhou a passagem do rio, e chegou ao Castelo no mesmo momento em que o Comandante estava a assinar a capitulação, sem que o inimigo tivesse disparado um só tiro contra o Castelo.*

*Pela boa conduta do Capitão que comandava o destacamento que mandei, se ganhou o rio, tornando o destacamento, sem perda, ao meu Campo.*

*Isto que digo, é uma simples narração, e o Comandante do Castelo poderá ter alguma cousa que alegar para se justificar; portanto, eu não o acuso.*

*A tomada do Castelo tornou a minha situação muito mais crítica do que estava antes. Porque, para êste respeito, o inimigo tinha caminho aberto num vão à distância de uma milha da minha mão esquerda, por onde podia cercar-me, e para o qual eu não tinha outra*

*comunicação senão atravessando os altos rochedos das Montanhas.*

*No dia três, o inimigo fez mostras de nos atacar por todos os vãos, e se fez logo um fogo vivíssimo de artilharia, e mosquetaria, de uma e outra parte; tôda a maior parte do dia e da noute continuei a trabalhar sôbre um reduto que formei, e tive tôdas as minhas tropas sôbre as armas.*

*Na manhã do dia seguinte, de madrugada, o inimigo marchou, pela sua mão direita, para atacar o Exército do Marechal, que então se achava a pouca distância de Abrantes.*

*Observei que tinha deixado na planície de Vila Velha, seis peças de artilharia, um corpo de quási quatro esquadrões de cavalaria, e alguns Piquetes de Infantarias.*

*Ao pôr do sol, tive ocasião de reconhecer tôdas as entradas para o seu Campo, e achei que não havia postos avançados, mais que uma Grande Guarda de Cavalaria, e um Piquete de Infantaria, ambos defronte do meu Campo, e que estes Corpos não eram sustentados, nem pelo flanco, nem por detraz, na distância de Vila Velha, que distava quási duas milhas, ou pelo seu campo principal, que estava mais distante.*

*Sôbre estas observações, formei o desígnio de surpreender o Campo, fazendo uma volta pelas Montanhas até ao vão que tinha achado quási uma légua mais acima, não tendo outro meio para a execução dêste projecto que caminhar por um carreiro de cabras, e que por esta mesma razão seria menos suspeito.*

*Entretanto, foi preciso tempo para nos segurarmos numa estrada tão dificultosa de forma que me vi obrigado a desistir, com o receio que amanhecesse antes que as tropas chegassem ao lugar do seu destino.*

*No dia 5, observando que o inimigo não tinha mudado de disposição, destaquei 100 granadeiros em dez grupos, afim de que a sua marcha não fôsse observada, com ordens de se juntarem a quási duas milhas sôbre o caminho das Montanhas, onde tinha antecedentemente postado duzentos Voluntários Reaes, destinados para o ataque, ao mesmo tempo que os reforcei com cem homens de cavalaria.*

*Assim que veio a noute, dei o Comando dêste destacamento ao Coronel Lee, e o acompanhei até ao vão, cuja passagem era a única cousa que me causava inquietação.*

*Encarregada a Cavalaria de levar as munições e equipagens da Infantaria, tive a satisfação de os ver passar a todos, sem obstáculo nem prejuízo, e sem que os cartuchos se molhassem. Então tornei ao Campo, afim de tomar as disposições necessárias para apoiar o Coronel Lee, ou para cobrir a sua retirada, se fosse necessário isso.*

*Postei a Artilharia, de forma que podia jogar contra todos os postos do inimigo, e dispuz os piquetes, de sorte que estivessem prontos para passar os vãos; junto das duas horas da madrugada percebi, pelos gritos confusos do inimigo, que o Coronel Lee estava em seu Campo, e pouco depois me persuadi, pelo seu modo irregular de atirar, que êles (inimigos) fugiam em desordem.*

*Isto posto e observado, comecei logo a dar uma descarga geral de artilharia, e ordenei a um destacamento, que estava postado defronte do Castelo de Vila Velha, que fizesse*

*mostras de querer passar o rio, para atacar o inimigo daquela parte, o que teve completo efeito, impedindo o inimigo de mandar socorro ao Campo. Continuei o fogo de Artilharia, até que um oficial da outra parte do rio me disse que tudo tinha seu efeito, e estavam derrotados os inimigos. Logo dei ordem para a retirada do meu destacamento, pelo vão mais vizinho. As circunstâncias desta acção, foram que os Granadeiros e Dragões se acharam no meio do Campo inimigo antes que os sentissem, e o inimigo, fazendo mostras de resistir, lhe foi impossível impedir a mortandade que os nossos fizeram dentro das suas próprias Barracas. O Único Corpo inimigo que se formou, e que fez muita resistência, foi a Cavalaria. Mas, sendo atacada pelo tenente Maitelano, à testa de cincoenta Dragões do meu Regimento, foi batida e posta em desordem, ficando derrotada depois de uma, perda considerabilíssima. Nós tomámos um capitão, mais três oficiais e muitos soldados, sessenta belos machos pertencentes ao transporte da Artilharia, alguns bons cavalos e muita bagagem.*

*Mas o serviço mais essencial foi encravar-lhe as peças de Artilharia, das quais duas estavam já postadas em bateria, prontas para atirar sôbre nós no outro dia.*

*Arruinámos-lhe tôda a munição, e lhe queimámos os seus armazéns, sem falar no insulto que êles sofreram debaixo dos narizes dos dois exércitos, dos quais o menor consistiu em doze mil homens e o posto de Vila Velha onde tinham dois mil.*

*As perdas da minha parte foi de um cabo de esquadra, morto, como também seis cavalos do Regimento de Sampaio que, por cansados, os deixamos ficar; quatro homens do Regimento de Voluntarios Reaes também ficaram feridos, e falta um granadeiro. Da parte dos inimigos, a maior parte dos oficiais que fizeram a sua obrigação, foram mortos, entre outros o Brigadeiro-General que os Comandava, e, como um bravo homem deve ser sentida a sua morte.*

*Não se pode saber, ao certo, o numero de mortos entre os inimigos, mas é certo que foi considerável.*

*O susto que esta acção causou ao inimigo, fez retroceder todo o Corpo que no dia antecedente tinha marchado contra o Marechal, e que consistia em quási doze mil homens. Eles se formaram em Linha de Batalha defronte dos vãos; eu fiz a mesma couza sôbre as alturas, e nesta posição ficamos de uma parte e outra todo dia. O meu Campo ficou sôbre as armas tôda a noute e, pela manhã, vi que a maior parte dos inimigos tinha marchado. No dia 7 abriram êles uma Bateria de duas peças, e se seguiu um vivo acanhoamento de uma e outra parte durante o dia todo, sem outra perda da minha parte que a dum granadeiro. No dia oito, pela manhã, tinha vencido uma dificuldade grande, que era o meter duas peças de canhão sôbre o alto dos rochedos, à minha mão direita. Fiz conduzir estas peças, encobrando-as com ramos de árvore, esperando uma boa ocasião para empregá-las, o que com efeito sucedeu neste mesmo dia, em que tive a fortuna de espalhar a sua cavalaria (a inimiga bem entendido) e de a desalojar do seu Campo em confusão, porque êles acamparam no outro dia uma milha mais atrás.*

*E, enfim, de impor silencio às suas baterias, por meio do que fiquei socegadissimo depois, ainda que a minha situação não deixa de sempre me ocupar.*

*Espero não pensará que eu quero tomar sôbre mim o merecimento desta acção. Tudo é devido à boa conduta do Coronel Lee, e ao ardor incomparável das tropas.»*

«Dêste destacamento Mixto, que operava ao sul do Tejo, fazia parte o 2.º Regimento de Infantaria de Penamacor, poucos dias antes constituído, como unidade independente, pelo 2.º Batalhão da antigo Regimento de Infantaria daquela Vila, sob o Comando do Coronel Foulis. E ali se distinguiu de maneira que, na Ordem ao Exército de 25 de Outubro, dizia o Conde de Lippe numa comunicação dirigida ao Coronel Foulis:

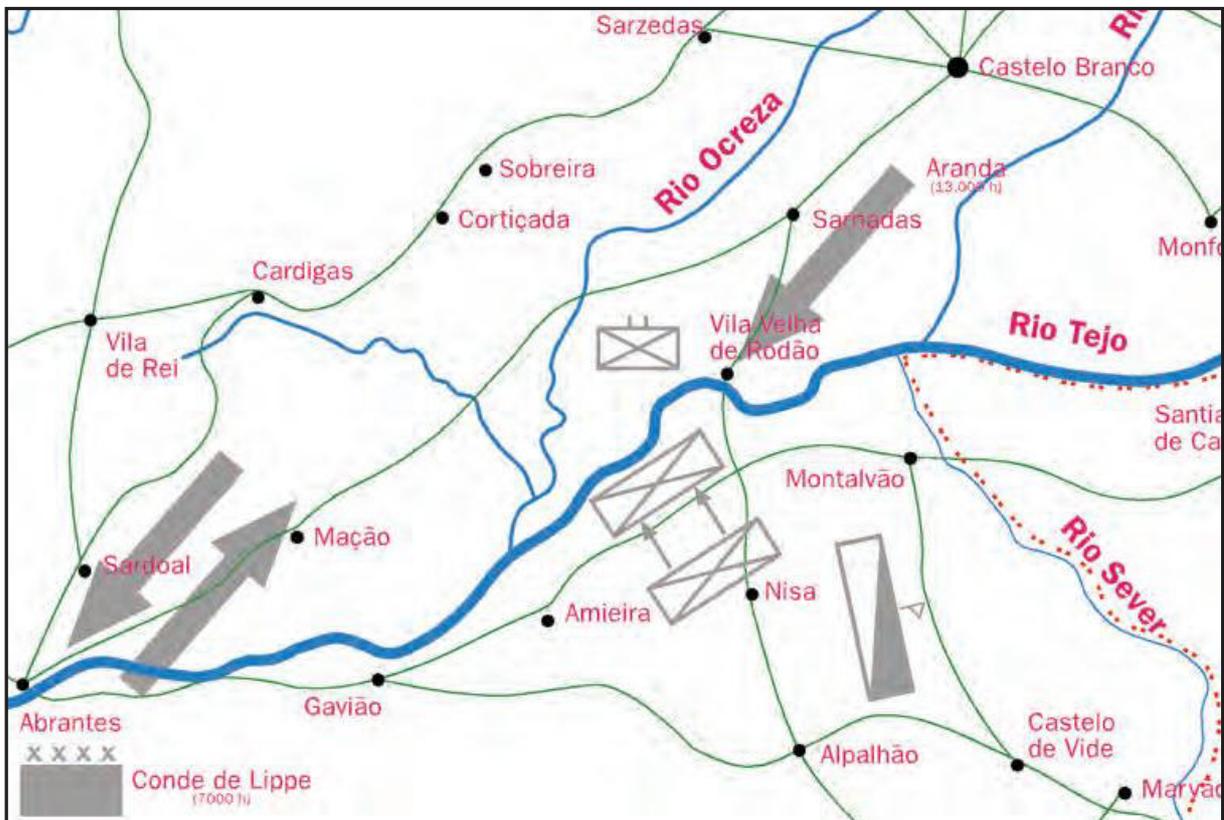
*L'action et la conduite du soldat de votre regiment, qui a sauvé le charriot de munitions, méritait certainement récompensé, e S. A. est très satisfait que vous l'ayez fait sergent. Dans l'incluse il est ordonné á la Vedorie de vous remettre six monnayes d'or, que vous aurer la bonté de lui donner, au nom de Mgr. le M.I G.al Vous declarerez en même temps, aux soldats de votre regiment, qu'ils peuvent s'assurer toujours d'une recompense pour tout belle action qu'ils feront pour le bien du Service .»*

### 3.4. As Operações Militares

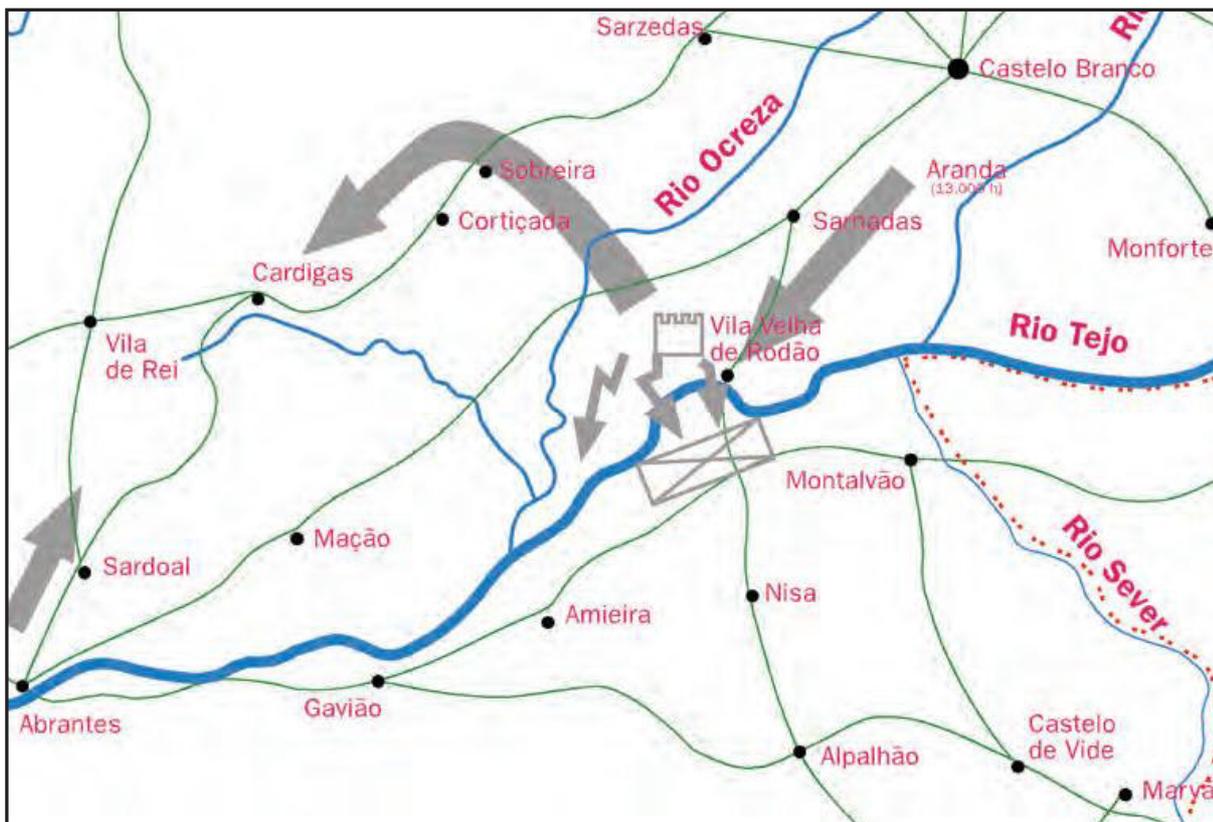
Da leitura do Relatório do General Bourgoyne resultam os esboços que a seguir se apresentam sobre as operações em redor de Vila Velha de Ródão, durante as quais o general teve uma acção brilhantíssima e muito arrojada.

Muitos dos pequenos redutos construídos pelo Conde de Lippe para a defesa das posições de Vila Velha de Ródão ainda ali estão patentes conforme as fotografias que se apresentam.

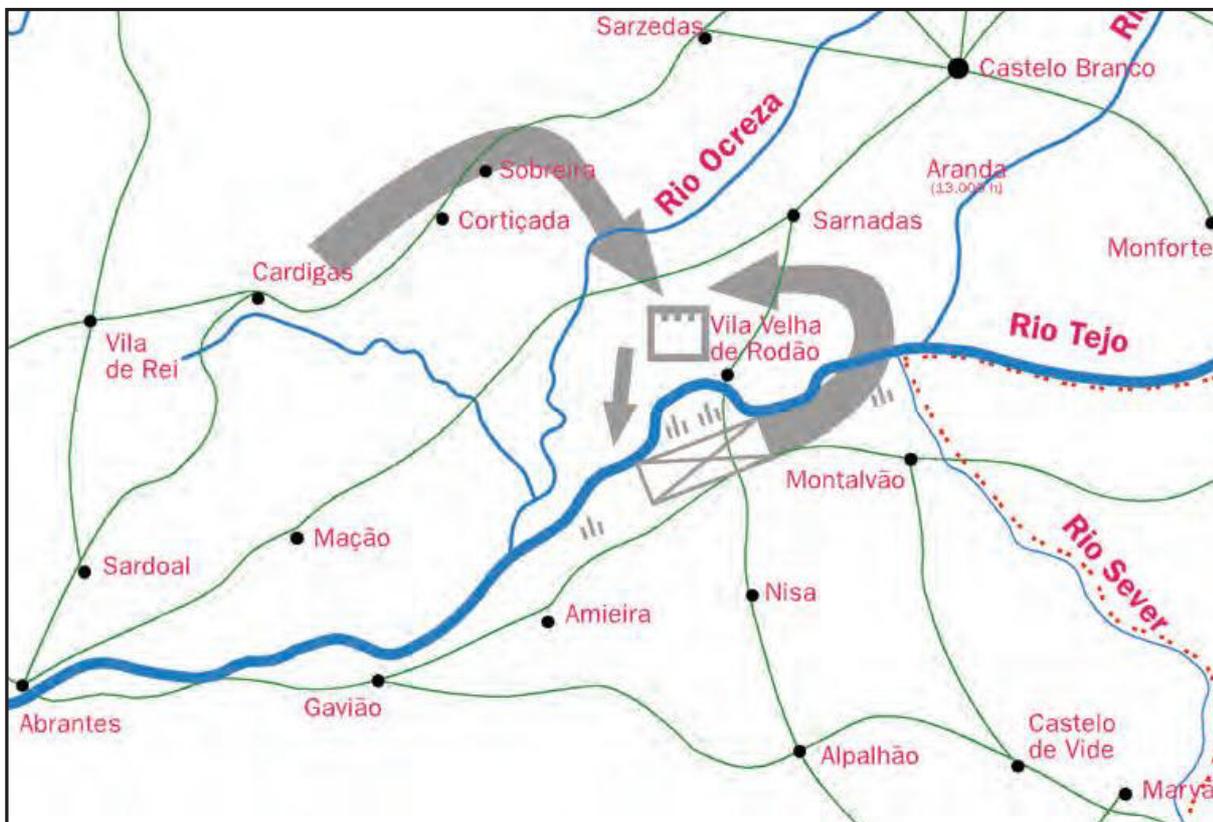
Fig. 11. Esquemas das operações militares em redor de Vila Velha de Ródão, conforme o relatório do General Bourgoyne (esquemas do autor)



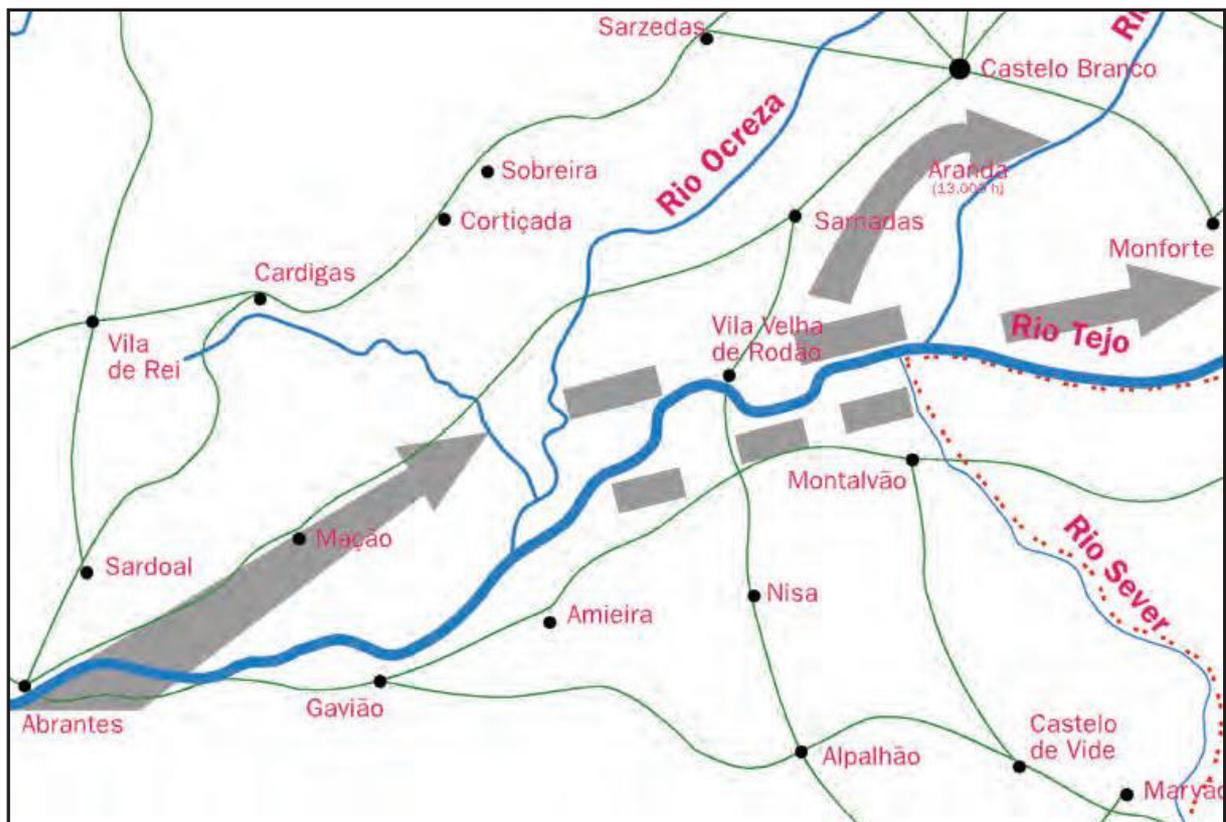
(a) O exército invasor do Conde de Aranda avança de Castelo Branco sobre Vila Velha de Ródão. O General Bourgoyne manobra a sul do Tejo, próximo da vila. O conde de Lippe fortifica-se na região Abrantes-Mação e manobra entre as duas povoações.



(b) O inimigo aprisiona a pequena força que o Conde de Lippe deixara no castelo. Deixa uma guarnição sua no castelo e avança para Sobreira, Cortiçada e Cardigas para flanquear Abrantes. Bourgoyne aproxima-se do rio, em Vila Velha de Ródão.



(c) Bourgoyne atravessa o rio e faz um raide muito audaz e vitorioso sobre a guarnição inimiga do castelo o que obriga o Conde de Aranda a retroceder para não ter cortada a sua linha de retirada para Espanha. Provavelmente julgou que as forças eram em Ródão muito superiores à realidade.



(d) Bourgoyne impede a passagem do exército inimigo para a margem sul do rio Tejo e o Conde de Lippe avançando de Abrantes obriga o inimigo a retirar, pela Beira Baixa.



Fig. 12. Trincheiras da Guerra dos Sete Anos, nos morros sobranceiros a Vila Velha de Ródão, marcados no esboço anterior com a letra (I). Fotos do autor.

Mais tarde o Marechal Conde de Lippe nas suas Memórias escreveu que na Guerra de 1762 deixou poucos homens nas Talhadas porque a sua estratégia consistia em deixar reunir os exércitos francês e espanhol no alto destas montanhas. Depois "... ele cairia na sua rectaguarda na planície de Castelo Branco ou mesmo no território espanhol". Desta maneira



Fig. 12a. Trincheiras da Guerra dos Sete Anos, nos morros sobranceiros a Vila Velha de Ródão, marcados no esboço anterior com a letra (I). Fotos do autor.



Fig. 12b. Trincheiras da Guerra dos Sete Anos, nos morros sobranceiros a Vila Velha de Ródão, marcados no esboço anterior com a letra (I). Fotos do autor.

forçaria o exército aliado inimigo a abandonar as suas posições que tinha conquistado de forma propositadamente facilitada, para restabelecer as suas comunicações e vir em socorro da Espanha, batendo-se no terreno escolhido por si.

## **4. A 1.<sup>a</sup> Invasão Francesa (1807)**

### **4.1. Aspectos Político-estratégicos**

Antes mesmo de ter acordado com a Espanha o Tratado de Fontainbleau, Napoleão decidira já a invasão de Portugal, tendo feito concentrar em Baiona, em Agosto de 1807, as tropas do Corpo de Observação da Gironda.

A Organização desta força, que atingiu o efectivo de 28000 homens, mereceu um cuidado especial. Para a comandar foi escolhido o experimentado General Andoche Junot, governador de Paris, que fora embaixador da França em Lisboa havia dois anos. Em 5 de Setembro encontrava-se já em Baiona e ali iniciou uma meticulosa acção no sentido de tornar as suas tropas, que eram na maior parte da conscrição de 1807 e sem experiência de guerra, dignas dos gloriosos exércitos napoleónicos. Tratou ainda da valorização e melhoria do seu equipamento, tendo elevado, de forma notável, o seu nível operacional.

O exército destinado a Portugal progrediu em Espanha por itinerário que fazia supor a sua entrada por Almeida como seria natural e mais fácil. Porém, quando marchava de Valladolid para Salamanca, com as tropas já muito depauperadas Junot recebeu ordem de Napoleão para marchar sobre Lisboa, não pela linha natural do rio Mondego, como esperava e seria lógico, mas pela margem direita do rio Tejo. Deveria avançar-se para Alcântara e reunir-se a forças espanholas que ali o aguardavam.

Até Salamanca tudo correu ainda satisfatoriamente mas a marcha começou a tornar-se difícil desde ali até Alcântara, que se atingiu a 17 de Novembro, com os franceses no seu limite de resistência e famintos, com o calçado completamente deteriorado, ao mesmo tempo que a tempestade de neve e chuva, quase contínuas, os impedia de secar o fardamento.

A entrada na Beira Baixa fez-se por Segura e tudo se complicou para os franceses, em especial ao atingirem a região de Vila Velha de Ródão. O General Thiébault, Chefe de Estado Maior de Junot, caracterizou muito bem nas suas memórias esta região quando afirmou "... independentemente da fraqueza da população desta parte da Beira Baixa o character dos seus habitantes merece uma atenção séria. Os amigos nada podiam esperar delas e os inimigos deviam esperar tudo. A sua miséria era mais um incentivo e se eles se reunissem para defender os seus desfiladeiros teriam parado um exército inteiro e anulado todos os esforços humanos (Thiébault, obra já citada) [...]. Desgraçado do exército que, mesmo bem organizado e numa estação favorável, entrar em Portugal por ali sem vir bem munido de rações e sem tomar precauções variadas. Arrisca-se a incalculáveis desastres e quase de certeza a uma total destruição..." (Thiébault, obra já citada).

Na marcha pela Beira Baixa, o exército invasor dividiu-se em duas forças que seguiram por dois itinerários diferentes - primeiro em direcção a Castelo Branco e, depois, em direcção às duas passagens das Talhadas. Este dispositivo de marcha destinava-se a aumentar as possibilidades de encontrar reabastecimentos à custa das populações locais, como era prática usual do exército francês.





Fig. 14. A invasão de Portugal pelos franceses. – Entrada do exercito no paiz.

Thiébault, o principal responsável pelo planeamento da passagem pelas Talhadas, tal como ela se fez, parece ter vivido obcecado pelo espectro da derrota a que escapou. Mais tarde, quando analisou as memórias do Conde de Lippe sobre a Guerra dos Sete Anos e a sua actividade militar na região de Vila Velha de Ródão, argumentou que a estratégia então concebida de deixar poucos efectivos nas Talhadas para atrair ali todo o exército franco-espanhol invasor e pensar em executar uma manobra de diversão na planície de Castelo Branco ou em Espanha para cortar a linha de comunicações das tropas invasoras, obrigando-as a regressar, não resultaria. Opina ainda que o invasor não levaria a sério a incursão portuguesa em Espanha que teria de enfrentar forças insurreccionais. Porém, a verdade é que, quando o Conde de Lippe, chegou a Abrantes e simulou entrar em Espanha pelo Alentejo, fazendo deslocar tropas nesse sentido, o exército invasor, ainda em território espanhol, fraccionou-se, o que foi importante para as armas portuguesas.

Thiébault também analisou as memórias do Marquês de Alorna, afrancesado que partiu com a Legião Portuguesa para França ao serviço de Napoleão. Militar ilustre e interessado pelos eventos ocorridos em Portugal na sua ausência, escreveu também sobre o valor estratégico das Talhadas.

Para Alorna, uma força invasora chegada a Castelo Branco ao avançar para Vila Velha de Ródão e, perante uma resistência nas Talhadas, deveria passar para a margem esquerda do Tejo, progredir ao longo do rio nesta margem e voltar à margem direita em Abrantes ou Santarém. Thiébault rebate a defesa desta dupla passagem do rio escrevendo que uma abordagem das Talhadas, depois de chegar a Castelo Branco, era inevitável e os portugueses não deixariam de ali preparar uma resistência eficiente. Diz ainda que era, de facto, uma marcha muito arriscada que deveria ter sido acompanhada por uma outra força de flanco que, entrada por Almeida, atravessaria a Serra da Estrela e cairia sobre a Sobreira Formosa numa marcha também muito difícil mas necessária. Não tendo sido ponderada esta força de apoio, a norte, conclui que havia apenas que atacar em força as alturas das Talhadas, conquistá-las e, a todo o custo alcançar Abrantes, como foi feito. Se os portugueses se opusessem era praticamente impossível executar outro tipo de operação local muito menos a dupla travessia preconizada por Alorna. Neste caso, o seu exército teria que ser dividido para permitir a travessia em segurança, e ficaria numa posição vulnerável à acção das milícias, tropas de insurreição e às tropas regulares que poderiam recrutar 15 a 20 mil homens. Na sua opinião a única solução segura era passar por aquelas formidáveis alturas através de uma acção de invasão bem planeada, não anunciada, para não dar aos portugueses tempo para tomarem medidas de defesa e efectuada com forças muito superiores. Uma guerra com Portugal, conclui Thiébault, é uma causa perdida se ela não puder ser desencadeada com toda a certeza de se alcançar uma vitória.

Quando em 1810 se planeava em França a forma de concretizar a 3.<sup>a</sup> Invasão Francesa, o fantasma da região de Vila Velha de Ródão voltou a pairar no espírito dos generais franceses. Thiébault, então em Espanha, redige em Burgos o seu “Plano para uma nova campanha em Portugal”. Diz ele que, para atingir Lisboa, há que passar um grande rio (o Tejo) ou atravessar as medonhas passagens da Beira que, independentemente dos meios de defesa que ali pudessem ser colocados, apresentam obstáculos quase intransponíveis pela sua elevação e aridez, pela raridade e dificuldade dos caminhos existentes, pelo número e força das torrentes que as cortam de inverno, pela quase total falta de água no verão e pela impossibilidade de aí encontrar qualquer meio de alimentar um exército. Noutra passagem

do seu plano defende a entrada do exército por dois eixos diferentes e que a força do sul o deveria fazer pelo Alentejo. Para fugir às Talhadas e a todas as dificuldades descritas, o Tejo só deveria ser passado para norte, já para lá de Abrantes, na região de Santarém.

Outro militar francês, o Coronel, depois General Dulong, opina também em Paris, em Janeiro de 1810, que o Duque de Abrantes (Junot) entrou em Portugal em 1807 com facilidade, à cabeça de apenas 20.000 homens mas os que pensavam que as condições eram as mesmas enganavam-se porque agora estavam os ingleses em Portugal, e havia ainda a considerar outros factos muito desfavoráveis. Lembra também que ninguém de boa fé que esteve no exército de Junot pode esquecer que 1.000 homens portugueses somente, colocados nos desfiladeiros e nas massas rochosas de Sobreira Formosa e Capello Mação, seriam suficientes para destruir até ao último indivíduo e que é um facto que o exército chegou a Lisboa muito disperso e fraccionado e em estado deplorável.

Tal foi a importância atribuída por chefes militares conceituados às Talhadas, à região de Vila Velha de Ródão e à ponte sobre o rio Tejo.

Mas, voltemos ao exército invasor. Depois de uma marcha sem inimigos e lutando apenas contra a intempérie e a agrura da região, Junot chegou a Abrantes no dia 24 de Novembro.

## **5. Conclusão**

Vila Velha de Ródão desempenhou um papel estratégico importante e decisivo nos episódios das guerras europeias de Séc. XVIII e início do Séc. XIX, ocorridos em território nacional. As Talhadas tornaram muito difícil a passagem pela região e obrigaram as forças invasoras a regredir ou a passar com grande dificuldade e sofrimento. A ponte sobre o rio Tejo confere capacidade de manobra a duas forças operando uma a norte e a outra a sul, entradas respectivamente por Almeida ou Segura e Elvas. Possibilita a sua junção e ainda a passagem de um eixo de invasão para o outro, no caso de o nosso exército cortar a linha de comunicações com a Espanha, pelo eixo preferencial. Pela ponte de Vila Velha de Ródão se concretizaram, em tempos históricos, essas estratégias. A ponte foi tão importante em Portugal, quanto o foi a de Almeraz, em Espanha, próximo de Talavera, também sobre o Tejo durante as guerras napoleónicas e com idênticas possibilidades estratégicas.

O grande desafio que hoje se coloca à região é aprender com a História e descobrir como tirar partido dessa posição chave para um certo contexto geográfico, competindo às entidades locais descobrir a forma de potenciar essas virtualidades geográficas.

## **Bibliografia**

BARRENTO, Coronel, 1991, O Exército Português antes e depois do Conde de Lippe, Revista Militar, n.º 6, Lisboa.

Boletim da Casa das Beiras, sem referência possível.

HERCULANO, Alexandre, xxxx, A Guerra Peninsular, in A Nova História Militar (no prelo), Ed. Círculo dos leitores.

NOGUEIRA, Coronel Franco, 1991, Apontamentos sobre a Ordem do Templo em Portugal, Boletim Cultural da Câmara Municipal de Tomar, n.º 15, Outubro, Tomar.

NUNES, Tenente-Coronel António L. Pires Nunes, 1995, Os Templários na Beira Baixa, Comunicação ao Congresso dos Templários, Castelo Branco.

NUNES, Tenente-Coronel António L. Pires Nunes, A Guerra Peninsular, in A Nova História Militar (no prelo), Ed. Círculo dos Leitores.

SALEMA, Coronel Vasco da Costa, 1979, Desenhos Cartográficos militares espanhóis referentes à Campanha de 1762, Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 19, Lisboa.

SELVAGEM, Capitão Carlos, 1931, Portugal Militar, Imprensa Nacional, Lisboa.

Variados artigos dispersos sobre História Militar.

## **A ICONOGRAFIA DAS PORTAS DE RÓDÃO NAS INVASÕES FRANCESAS**

José Joaquim Mendes Hormigo

### **Introdução**

Emergindo das águas do Tejo, e dominando as sombrias montanhas de Ródão, avultam solitárias e majestosas as Portas de Ródão, envoltas em silêncios e mistérios inquietantes. Maravilha da natureza, que atrai e assombra quem as contempla, são testemunha muda de profundos movimentos geológicos e notáveis acontecimentos históricos ocorridos na região. Num misto de deslumbramento e enigma parecem erguer-se para nos questionar: quando e como surgimos? Que factos importantes aqui se registaram? Que gentes terão cruzado o Porto de Vila Velha frente às Portas de Ródão? Poder-se-á aqui satisfazer um dado número de quesitos; contudo, subsistirá sempre um imenso hiato histórico, tornando obscuro e lendário o passado deste local. Tal é o grande mistério a rodear o gigantesco pórtico do Tejo no Ródão. Olhando aquela silhueta esculpida, fustigada, e patinada pelas intempéries no decurso dos milénios, contemplamos o alvorecer da pré-história.

A par de curiosas referências históricas e literárias conhecidas, enriquecem também o imaginário das Portas de Ródão, e lugares vizinhos, expressões culturais, do âmbito das artes plásticas. De facto, no início do século XIX, desenhadores, pintores e gravadores ocuparam-se da representação pictórica e gravada das Portas de Ródão. Nomes como S. Clair e C. Turner, William Bradford e I. Clark, George Cumberland Junior, George Landman e J. C. Stadler entre outros, inscrevem-se na galeria de ilustres militares - artistas da escola inglesa, que tocados pela magia da natureza, bela, rude e grandiosa, a fixaram para sempre em saborosos desenhos e aguarelas, belíssimas litografias e águas-tintas. Oriundos da Inglaterra, entraram em Portugal a partir de 1808, como soldados aliados, em circunstâncias político-militares dramáticas para Portugal, no decurso das invasões napoleónicas. Se nas campanhas militares deram ao país o melhor do seu esforço, concorreram por outro lado, com fina sensibilidade e talento, para o registo das belezas naturais e patrimoniais de Portugal, que na época tiveram difusão além fronteiras. A região de Ródão mereceu desses autores as melhores interpretações plásticas e por vezes literárias, traduzidas na produção de alguns textos e de obras de arte de grande qualidade, com projecção na Europa.

A “Ponte Volante sobre o Tejo em Vila Velha”, cuja estampa apresentamos, foi desenhada do natural por George Landmann, no ano de 1808 quando este foi incumbido de uma missão de reconhecimento, na região que se estendia de Abrantes, até à fronteira de Espanha na Beira Baixa. Quem foi Landmann? Artista inglês, Tenente-coronel do Corpo de Engenheiros Reais, serviu o exército espanhol graduado em Coronel. Chegou a Portugal integrado no exército aliado, tendo desembarcado na foz do Mondego a 1 de Agosto de 1808. Achou-se na Batalha de Roliça e do Vimeiro. Homem certamente culto e viajado, percorreu em serviço o nosso país e das notas escritas sobre paisagens, itinerários, aspectos urbanos, costumes, e desenhos esboçados acerca dos mesmos temas e de cenas militares, reuniu-os publicando em 1818 em Londres, um importante livro intitulado: *Historical, Military and Picturesque Observations in Portugal*.

A “ponte volante” aqui representada, estabelecida no Tejo neste período, foi uma das fórmulas encontradas pelos aliados em tempo de guerra para transporte de militares, cavalaria e de material de guerra; segundo informação de Landmann, estas barcas, foram

(1) Professor e Investigador

**1. Flying Bridge on the Tejo at Villa Velha**

**Autor:** George Landmann.

**Subs.:** G. Landmann del.; J. C. Stadler sculp.

**Dimensão:** 345x213 mm.

**Técnica:** Água-tinta. Colorida. Escola inglesa.

**Da obra:** "Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal by George Landmann".



queimadas no início de 1809, para não caírem nas mãos dos franceses, quando correu um boato de que estas forças progrediam no terreno e já teriam dado entrada na cidade de Castelo Branco, situada a “quatro léguas de distância”. De acordo com o mesmo autor, ulteriormente, outras pontes iguais foram construídas em Vila Velha, para restabelecer o comércio “entre as províncias do Sul e do Norte...”. Contudo, já em Janeiro de 1808, dois regimentos de infantaria inglesa estabelecidos em Castelo Branco sabendo da aproximação de uma divisão francesa à ponte de Almaraz, defendida pelo exército espanhol que debandara, atirou a pique a ponte volante de Vila Velha, a barca da Ocreza e do Alvito, pondo-se em fuga para Abrantes e deixando interrompidas as tropas portuguesas estacionadas em Salvaterra do Extremo e em Zarza la Mayor. Landmann que bem conheceu este sítio, escreve no seu citado livro: “a curta distância abaixo do sítio habitualmente escolhido para a ponte volante, o Tejo parece, devido à força da corrente, ter aberto caminho através da enorme barreira montanhosa, que se estende por algumas milhas a sul”. E mais adiante, descreve em breves linhas a paisagem local : “À medida que nos aproximamos de Vila Velha, temos uma visão interessante da serra muito alta através da qual o Tejo caminha; as montanhas parecem estender-se sem interrupção através do rio e se não soubéssemos que efectivamente existe uma passagem chegávamos a admitir que o curso do Tejo se tornava subterrâneo como acontece com o Guadiana num percurso de 7 léguas...”.

Observando a estampa, vemos no areal da margem direita, onde o Tejo se espreguiça, três barcas unidas por pranchas de madeira - a “ponte volante” - que atravessa o rio, levando dois militares e um barqueiro este puxando uma corda fixa nas margens. Acerca do local, observa Landmann: “A largura do Tejo no sítio onde fica a ponte volante durante o Verão, não excede as 100 jardas; mas, após umas chuvadas de Inverno, o rio estende-se por uma superfície muito maior e este local torna-se muito fundo.”

Na margem direita, vislumbra-se alguma vegetação, sobressaindo uma vereda zigzagueante no dorso da montanha, conduzindo à torre templária meio derruída e a espreitar no cume. Na margem oposta vemos uma pequena força de oito militares sentados na areia, provavelmente vigiando e defendendo as barcas.

Trata-se de uma bonita água-tinta colorida, gravada por J. Stadler e publicada em 1813 por Cadell e W. Davi Strand, mostrando uma perspectiva das Portas de Ródão. Levemente sombreadas, o rochedo escarpado, e a transparência das águas do rio Tejo, num jogo de cores suaves e aveludadas, na qual o artista se preocupou mais com o efeito da mancha da paisagem do que com o desenho da cena militar. Vem inserta na obra “Historical, Military and Picturesque Observations in Portugal”, (2 volumes), que inclui 75 águas-tintas coloridas, de belo e suave cromatismo todas elas abertas por J. C. Stadler sobre desenhos originais de Landmann, algumas são em folhas desdobráveis. A mesma obra insere outra água-tinta da vizinha região alentejana, intitulada “Ponte e baixio no rio Niza na estrada de Vila Velha para Niza Alentejo”.

Ponte volante é o título dado a esta água-tinta; no entanto, o autor extasiado perante o “espectáculo” natural que se lhe depara, decidiu conferir maior ênfase às Portas de Ródão que ele próprio caracterizou de “cenário grandioso”.

Na estampa “Vista sobre o Tejo perto de Vila Velha” (pág 41) figura uma panorâmica do rio Tejo, e das Portas de Ródão numa feliz interpretação de Bradford. Acerca da vida e obra do

Reverendo Bradford, de seu nome completo A. B. William Bradford, pouco sabemos. Foi capelão de brigada, da expedição britânica que veio a Portugal combater as tropas napoleónicas. O artista viveu nos séculos XVIII-XIX e pertenceu ao colégio de S. João de Oxford. Terá desembarcado em Portugal em 1808 e acompanhado o exército nas suas longas e permanentes marchas; fixou numerosos aspectos da Portugal e de Espanha, vistas de terras, paisagens, monumentos, tipos, costumes, e militares. O artista gravador da obra de Bradford, foi exactamente I. Clark; um gravador inglês, que viveu nos séculos XVIII-XIX. Gravou a água-tinta, todos os desenhos originais do reverendo William Bradford e de H. Michel (relativas às gravuras dos militares) do livro *Sketches of the Country (...)*. No século XIX, laboraram em Inglaterra, vários gravadores com o mesmo nome e por tal motivo, é difícil distingui-los.

A propósito desta estampa, extraímos da obra de Bradford, o pequeno texto: “a corrente da ribeira é muito rápida neste lugar e passa através de uma garganta da montanha; a pouca distância, por baixo está uma parte mais funda que a cavalaria passou a vau; as margens do rio são escarpadas e eriçadas de rochas e não admitem passagem nem de uma nem de outra margem a não ser nos lugares cavados pelas correntes que se formam durante o inverno”.

A presente água-tinta, segundo J. Tranie e J. C. Carmigniani, trata objectivamente da passagem para a Beira Baixa em 1808 da divisão do Major-General inglês Alexander Mackenzie Fraser; que tinha sob suas ordens as brigadas Beresford e Fane. Dessa divisão, apenas se vê uma pequena parte dos efectivos: 63 soldados e quatro oficiais perfilados na margem esquerda, preparados para embarcar; desta força, apenas seis soldados em primeiro plano, devidamente armados e equipados acusam o cansaço da marcha, pois encontram-se sentados.

No segundo plano, nove soldados armados de espingarda e equipados com as respectivas mochilas, deram já entrada na barca.

Entretanto, três barqueiros, certamente também pescadores locais, assistem às operações de embarque, que decorrem sob o olhar vigilante de um oficial, postado à frente da coluna; embora de braços no peito, numa atitude descontraída, sustenta com a mão direita uma espada desembainhada, impondo autoridade e disciplina. Nestas barcas, não embarcavam mais que 13 pessoas incluindo o barqueiro, como se depreende do barco ao fundo, que se aproxima da margem direita. Três oficiais gerais (?) atravessam o Tejo, montados nos seus cavalos.

Na travessia, não foi utilizado o sistema da “ponte volante” como se verificou noutros casos; o movimento da barca processa-se aqui tranquilamente, impulsionado pelo barqueiro, com uma longa vara. Não foi o reverendo Bradford insensível ao quadro natural das Portas de Ródão que interpretou com notável sobriedade e beleza e nem lhe passou despercebida, a torre templária ou castelo de Vila Velha, cuja silhueta registou ao longe, coroando a montanha. A presente água-tinta, de tão belo desenho, colorido e enquadramento, quanto documental, foi desenhada do natural pelo reverendo William Bradford em 1808 e depois gravada por I. Clark. Encontra-se inserida na obra: “*Sketches of the Country; Character, and Costume in Portugal and Sapain made during the Campaign and on the Route of the British Army in 1808 and 1809*” que foi publicada em Londres por J. Booth Duke Street, Portland

## **2. View on the Tagus Near Villa Velha**

**Autor:** A. B. William Bradford.

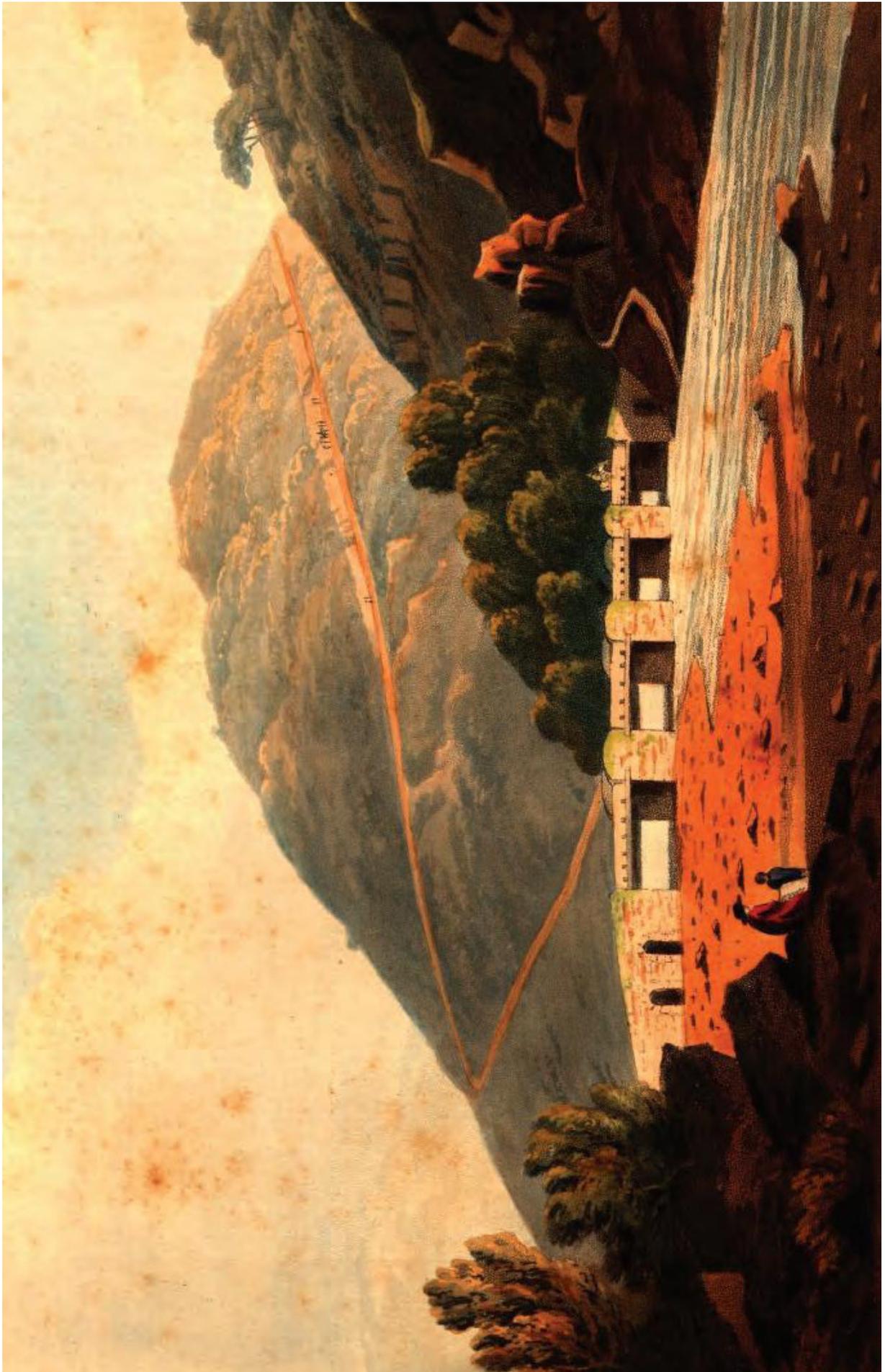
**Insc:** View on the Tagus near Villa Velha.

**Subsc.:** Rev. d W.m Bradford del. Place, June. 1809; I. Clark sculp.

**Dimensão:** 298x197 mm.

**Técnica:** Litografia (colorida). Escola inglesa.

**Da obra:** “Sketches of the Country; Character, and Costume in Portugal and Spain made during the Campaign and on the Route of the British Army in 1808 and 1809”.



### **3. The Tagus at Villa Velha**

**Autor:** George Cumberland Júnior.

**Insc.:** The Tagus at Villa Velha.

**Dimensão:** 298x197 mm.

**Técnica:** Litografia. Escola inglesa.

**Do Livro:** “Views in Spain and Portugal taken during the Campaigns of His Grace the Duke of Wellington”.



Place, a 1 de Junho de 1809. Esta obra teve edições em 1808, 1812 e 1814 e além da estampa aqui tratada, inclui também: "Pass in the Mountains between Nisa and Villa Velha" – "Desfile nas montanhas, do Exército aliado, entre Nisa e Vila Velha", que corresponde à estampa nº 12.

Para contextualizar a matéria contida nesta litografia, cuja importância documental e estética é manifesta, convém recuar aos fins de Fevereiro de 1812, altura em que iam chegando a Elvas pessoal e artilharia do exército aliado. A 16 de Março inicia-se o 3º assalto à praça de Badajoz, e uma semana volvida, 28 peças de artilharia distribuídas por 6 baterias sitiadas vomitavam fogo, cujo troar se fazia ouvir no Alentejo; dos 860 artilheiros aliados, 560 eram portugueses, do regimento nº 3. O governador da praça, General Philippon, após resistência desesperada, rendia-se ao amanhecer do dia 7 de Abril de 1812. Finalmente, a praça de Badajoz fora reconquistada pelos aliados com o alto preço de mais de mil mortos e cerca de quatro mil feridos.

A presente litografia, mostra precisamente o momento, em que os aliados atravessando o Tejo em Vila Velha de Ródão sobre barcas, se dirigiam para o 3º assédio e conquista da cidade de Badajoz. Tendo como cenário um plano das imponentes Portas de Ródão, a estampa oferece larga matéria de observação e análise centrada num pequeno mas vivo quadro social. É evidente o exército aliado, utilizando as tradicionais barcas como meio de transporte. No entanto, Cumberland quis também salientar a importância da sociedade civil, bem patente nas figuras de camponeses e de graciosas vivandeiras da região (?) exibindo frutos e produtos hortícolas, o que confere ao quadro bélico, uma nota de singular ternura e poesia.

Representam-se por outro lado, as famosas barcas, outrora activas no Porto do Tejo. As duas ou três barcas, geralmente postas aqui em serviço rotineiro do comércio, ou no transporte do correio ou de passageiros entre o Alentejo e a Beira o Norte e o Sul, são substituídas no caso vertente, por uma "ponte volante" ao serviço do exército, constituída por duas barcas juntas e amarradas tendo em cima estruturas de madeira (duas plataformas) suspensas por processo engenhoso. Operando entre as margens do Tejo, o movimento dessas barcas era produzido pelos militares, que puxavam por uma corda esticada e atravessada no rio, num esforço conjunto do barqueiro que empunhando uma comprida vara, empurra também as barcaças para as respectivas margens onde as pontas dessa corda estavam presas. A Infantaria teria já passado, restando poucos soldados na margem, seguida dos muares carregados de material de guerra e mercadorias, que se perfilam diante das barcas. Das tropas aliadas, vêem-se dois oficiais conversando; um deles, deixa ver a espada embainhada. Podemos identificar alguns militares aliados como sendo de um regimento de escoceses pois vestem "kilts": os tradicionais (saiotes xadrezados). Estes militares são já referenciados em Castelo Branco, a 27 de Outubro de 1808 dia em que chegara mais um regimento de escoceses a Castelo Branco; uma testemunha presencial comentava o facto do seguinte modo: "não obstante virem bem arranjados e fardados todavia com semelhante traje, aliaz indecente, maxime ao nosso paiz, já mais pessoa alguma gostava de os ver, principalmente as mulheres". Contudo o 4º regimento daqueles militares ao marchar pela Rua de Santa Maria, "metia uma vista assaz agradável pelo bom asseio e óptima música" (Castelo Branco e Seu Alfoz, p. 144-145).

O sítio do Porto do Tejo eleito pelos camponeses e camponesas de Vila Velha, para aí estabelecerem o efêmero mercado de fruta e géneros diversos, não podia ter sido melhor para o negócio, por constituir local de passagem obrigatória entre margens. Podemos constatar ainda o curioso trajar da época: em primeiro plano, homens com típicos chapéus de abas largas, e mulheres esbeltas envergando compridas saias e lenços atados na cabeça; umas sentadas, com cestas bem repletas de géneros frescos, ou diante de improvisadas bancadas, onde expõem os seus produtos de venda; outras, junto do respectivo jumento, carregado de cabazes transbordantes de fruta; enquanto alguns montados ou a pé, aguardam a vez de entrarem na barca, outros conversam; Entretanto, um soldado escocês põe em movimento os jumentos levando-os um a um, pela rédea, para as barcaças.

O desenho original, de *The Tagus at Villa Velha*, deve-se a George Cumberland Júnior que o elaborou em 1812, quando o exército em que seguia, atravessava o Tejo em Vila Velha para ir atacar a praça de Badajoz, ocupada pelos franceses. Esta litografia, seria, incluída na obra: “*Views in Spain and Portugal taken during the Campains of his Grace the Duke of Wellington*”, publicada em 1823. Por esta e outras litografias, constantes da obra, de real valor estético e enorme interesse documental, o autor revela-se um grande desenhador e litógrafo. Nasceu G. Cumberland Junior em Inglaterra cerca de 1758 e faleceu em 1848. A sua educação decorreu em Londres e Bristol tendo exposto na Real Academia de Londres entre 1773 e 1777. Em 1793 publicou uma “*Vida dos Pintores Bolonheses*” e do gravador “*Giulio Bonasone*”, conhecendo-se ainda uma série de trabalhos na maioria desenhos da sua autoria e por si gravados.

Em 1812 encontrava-se na Beira Baixa precisamente atravessando o Tejo. Artista muito sensível, das impressões gráficas colhidas: aspectos urbanos, paisagens, e costumes de Portugal e de Espanha, e pequenas notas escritas, publicou o livro acima referido constando de 19 litografias. Nestas, inclui também uma interessante vista de Castelo Branco.

Tomas Saint Clair, autor desta notável água-tinta, esteve em Portugal ao que parece de 1810 a 1815, integrado no exército britânico desembarcando no nosso país para combater as tropas napoleónicas. Por decreto de 22-6-1810 o então capitão Thomas Staunt Saint Clair foi promovido a Major.

Neste posto serviu o regimento de Infantaria 21 e, sendo já Tenente-coronel, comandou Caçadores 5. Executou abundante número de trabalhos a aguarela e pinturas a óleo de assuntos portugueses, muitos dos quais foram incluídos na obra abaixo referida, em preciosas gravuras abertas a água-tinta, por Carlos Turner.

Numa exposição de antigas aguarelas inglesas com motivos portugueses, realizada pelo Instituto Britânico em Portugal, em 25 de Maio de 1959, figuraram 17 aguarelas originais deste autor, representando vistas de cidades, paisagens, monumentos, tipos e costumes. A obra de que faz parte esta estampa intitula-se: “*A Series of the Principal Occurrences of the Campains in Spain and Portugal Taken During the Penisular War*”. Trata-se de um importante album deste autor, contendo 12 belas águas-tintas coloridas. O exemplar inclui desta região, “*Troops Bevouack´d near the village of Villa Velha*” on the Evening of the 19th of May 1811. Shewing the Occupations of an Encampment.” E “*View of the Pass of the Tagus at Villo Velha into the Alentejo by the Allied Army, on the 20.th May, 1811*”. Publicadas em 10 de Outubro

**4. This view of the Pass of the Tagus at Villa Velha into the Alentejo, by the Allied Army**

**Autor:** Thomas Staunt Saint Clair.

**Insc.:** His Excellency the Marquis of Wellington, & c. & c. and His Excellency the Marshall sir W. C. Beresford, & c. & c.

This view of the Pass of the Tagus at Villa Velha into the Alentejo, by the Allied Army, on the 20.th May 1811. Is humbly inscribed by his Royal Highness, & their Excellencies most obliged, & very humble Serv.t T. S.t Clair. London. Published Oct.r 16. 1812, by C. Turner, nº 50, Warren Street, Fitzroy Square, Mess.rs Colnaghi, Cockspur Street. M.r Molleno, Pall Mall. Mess. rs Boydell. Cheapside, & M. r Booth, Duke Street, Portland Chapel.2

**Subsc. :** Painted by Major T. S.t Clair; C. Turner sculp.

**Dimensão:** 510x373 mm.

**Técnica:** Água-tinta (colorida).

**Da obra:** “A Series of the Principal Occurrences of the Campains in Spain and Portugal Taken During the Penisular War”.



**5. ?**  
**Autor: ?**  
**Insc.: ?**  
**Subsc. : ?**  
**Dimensão: ?**  
**Técnica: ?**  
**Da obra: ?**



de 1812, são dedicadas a His Royal Highness the Duque of Kent, e His Excellency the Marquis of Wellington, & c. & c. and His Excellency the Marshall sir W. C. Beresford, &c. &c. e constituem exemplares das mais belas águas-tintas realizadas na época.

Quanto a Charles Turner, gravador e pintor inglês de maneira negra e água tinta, nasceu em Woodstock em 1773, e faleceu em Londres a 1 de Agosto de 1857. Foi aluno das Escolas da Real Academia a partir de 1795. A sua primeira maneira lembra o estilo de Bartolozzi e, nesta forma, Turner grava vários quadros para Baydell. Dedicou-se mais tarde à maneira negra e à água-tinta, mostrando-se gravador de primeiro plano.

Foi em 1828, nomeado gravador real e associado à Real Academia. Além de retratos à maneira negra pintou e desenhou também retratos a carvão expostos na Galeria Nacional de retratos em Londres. Gravou as pinturas originais de S. Clair.

A gravura mostra a tarefa do transporte de pessoal e material de artilharia em 20 de Maio de 1811, com destino ao Alentejo; esta operação feita por barcas, foi considerada de “fastidiosa”, pelo Coronel George Landmann.

Vêm-se ao longe e à direita, barcos à vela e a remos transportando militares. Na margem direita, sobre um morro, longa coluna militar armada e equipada com suas mochilas avança paulatinamente para as barcas; é vigiada de perto, por um atento comandante a cavalo. Mais próximo, num segundo plano, o Estado Maior, troca impressões; envergam a farda de oficiais generais exibindo as suas espadas embainhadas; No primeiro plano, conversam três pescadores vestindo calções, empunhando dois deles, longas varas.

Coleando a margem esquerda, vê-se grande concentração de tropas dispostas em intermináveis colunas marchando em direcção ao Alentejo, enquanto duas barcas acabam de chegar atulhadas de militares; num vaivém incessante, outra barca levando apenas dois barqueiros, rema vigorosamente para a margem direita a fim de carregar mais tropa. Dois oficiais generais de cavalaria junto a duas peças de artilharia puxadas por cavalos, parecem dar ordens, apontando um deles à direita; o outro, aguarda a chegada de mais uma “ponte volante” que transporta três militares quatro cavalos e uma pesada peça de artilharia puxada por dois cavalos que um soldado segura pelas rédeas; sobre esta ponte volante importa anotar: é formada por duas barcas atadas levando atravessadas, enormes pranchas de madeira tendo estas ao meio fixados dois paus na vertical, e nestes pregada horizontalmente, uma longa vara que serve de encosto aos militares, e simultaneamente de apoio, estabilidade e segurança ao carregamento. Nela se divisam dois esforçados barqueiros, de cócoras puxando com esforço as barcas através da costumada corda esticada. No transporte militar, utiliza-se ainda o tipo de barcos à vela e a remos. A presente água-tinta de que são conhecidas variantes a cor e a sépia com inscrições diferentes, é de grande beleza decorativa, pela composição, a luz o colorido e o tratamento das figuras. Reveste-se ainda de grande valor documental para a região.

## **5. Conclusão**

Durante as invasões napoleónicas, Vila Velha e as suas Portas de Ródão constituíram pontos de passagem obrigatória da Beira para o Alentejo e vice-versa, e ainda para Espanha, tanto de forças aliadas quanto inimigas servindo ocasionalmente de acampamento a ambos os

exércitos; porém, graças à inigualável beleza natural, que delas dimanava tornou-se tema de eleição para artistas militares, em trânsito por estas paragens e motivados para produção obras de arte.

Pala além do evidente interesse militar e documental, ressalta das gravuras a importância do Porto do Tejo às Portas de Ródão dotado do indispensável serviço de transporte por barcas ligando a Beira ao Alentejo, numa actividade económica que em tempos de paz, já se processava desde tempos remotos.

Julgo pertinente reconhecer, que as obras de arte documentando as Portas de Ródão no período em causa, não abundam; em todo o caso, os quatro exemplares estudados, são suficientemente expressivos, para concluirmos da sua enorme importância histórica, e estética.

Nas marchas que os militares artistas empreenderam por esta região, sucediam-se paisagens maravilhosas, como um livro, cujas páginas ilustradas se abrissem diante dos seus olhos. Mas era preciso seleccioná-las, escolher perspectivas. E eles souberam fazê-lo, interpretando e enquadrando com talento a paisagem rodanense, ultrapassando assim o mero registo bélico.

Que grande fascínio terão exercido os formidáveis rochedos do Tejo, sobre aqueles artistas, que em pleno ambiente de guerra e de morte construía beleza, elevando-se pela arte. Por essa razão, devem ser considerados com justiça pioneiros na difusão das belezas de Vila Velha e suas inconfundíveis Portas.

Como elemento de valorização cultural de Vila Velha de Ródão, seria interessante que em tributo de reconhecimento não só pelo ingente esforço na defesa do país e região que palmilharam, mas, sobretudo pelas obras de arte que produziram e consagraram a esta vila, o nome desse autêntico escol de artistas militares de origem inglesa fosse inscrito num singelo monumento.

### **Bibliografia**

- BÉNÉZIT, E., Dictionnaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs.
- BRADFORD, A. B. William, Sketches of the Country Character, and Costume in Portugal and Spain made during the Campaign and on the Route of the British Army in 1808 and 1809.
- CARDOSO, J. Ribeiro, 1953, Castelo Branco e o seu Alfoz.
- CUMBERLAND Júnior, George, 1823, Views in Spain and Portugal taken during the Campaigns of His Grace The Duke of Wellington.
- HORMIGO, José Joaquim M., 1983, A Beira Baixa Vista Por Artistas Estrangeiros (sécs XVIII-XIX), Museu Francisco Tavares de Proença Jr, Castelo Branco.
- LANDMANN, George, 1818, Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal. (2 vols), London.
- TRANIE, J., CARMIGNIANI, J. C., Napoléon et la Campagne d' Espagne (1807-1814).
- VICENTE, A. Pedro, Manuscritos do Arquivo Histórico de Vincennes (3 vols).
- AS ESTRUTURAS MILITARES DA SERRA DAS TALHADAS (concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa)
- Francisco Henriques, João Carlos Caninas e Fernando Branco Correia

## **AS ESTRUTURAS MILITARES DA SERRA DAS TALHADAS**

(concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa)

Francisco Henriques<sup>(6)</sup>, João Carlos Caninas<sup>(7)</sup> e Fernando Branco Correia<sup>(8)</sup>

### **Introdução**

As estruturas que agora se apresentam situam-se sobre a serra das Talhadas ou nas suas proximidades e concentram-se em dois núcleos, estando um situado na zona das Portas de Ródão (concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa) e o outro na zona da Ponte do Alvito (concelho de Proença-a-Nova).

O reconhecimento de campo das estruturas militares que são objecto deste texto insere-se nos projectos VAMBA (Projecto de Valorização do Castelo de Ródão, da Capela da Senhora do Castelo e Zona Envolvente - Vila Velha de Ródão), AÇafa e ALTEJO e, no que respeita ao concelho de Nisa, no Projecto ANA.

Da pesquisa documental realizada no âmbito deste trabalho merece destaque um estudo da autoria do Tenente-Coronel N. Valdez dos Santos, publicado no Boletim do Arquivo Histórico Militar, sobre a 1ª Invasão Francesa (SANTOS, 1976). Naquele trabalho identificam-se diversos fortes e baterias construídos na serra das Talhadas que correspondem às estruturas identificadas pelos signatários. Aquele estudo transcreve um relatório, da autoria do Marquez de Castelo Melhor e Manoel Jozé Dias Cardozo (CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810), essencial para a identificação das estruturas construídas ou projectadas ao longo da crista quartzítica.

### **1. A Serra das Talhadas**

A serra das Talhadas forma uma elevação de orientação NNW-SSE. É constituída essencialmente por quartzitos do Ordovícico inferior que emergem do “Complexo Xisto-Grauváquico das Beiras” (CXGB), do Câmbrico. Além dos quartzitos, que se encontram dobrados em sinclinal, ocorrem no seu interior xistos argilosos, e a passagem ao CXGB faz-se, geralmente, através de espessos depósitos de vertente.

Esta serra atravessa os concelhos de Proença-a-Nova, Vila Velha de Ródão e Nisa. No concelho de Ródão é designada, consoante as localidades, por serra da Vila e serra do Perdigão. (fig pág 53)

Esta crista é constituída por quartzitos, xistos argilosos e depósitos de vertente. Desenvolve-se entre Catraia Cimeira (Proença-a-Nova) e São Miguel (Nisa) com um comprimento de 27 quilómetros e uma largura que varia entre 875 m e 2500 m (na dupla crista ou sinclinal). Os declives médios variam entre 28% (Alvaiade), 43% (Galego) e 52% (S. Miguel).

As cotas do topo da crista variam entre 500 m e 614 m enquanto as cotas da plataforma xisto-grauváquica, envolvente, oscilam entre 300 m e 400 m. Os pontos de maior altitude situam-se no marco trigonométrico de Chão de Galego (614 m) e no Penedo Gordo (570 m).

(6) Da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), colaborador do Projecto de Investigação ANA - Arqueologia do Nordeste Alentejano, coordenado pelo Prof. Doutor Jorge de Oliveira.

(7) Da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), coordenador do Projecto de Investigação ALTEJO - Pré-História Recente na Margem Direita do Alto Tejo Português/AEAT, colaborador do Projecto de Investigação ANA - Arqueologia do Nordeste Alentejano, coordenado pelo Prof. Doutor Jorge de Oliveira.

(8) Da Associação de Estudos do Alto Tejo (AEAT), coordenador do Projecto de Investigação AÇafa - Arqueologia Medieval da Envolvente das Portas de Ródão/AEAT, docente da Universidade de Évora, colaborador do Projecto de Investigação ANA - Arqueologia do Nordeste Alentejano, coordenado pelo Prof. Doutor Jorge de Oliveira.

(9) Agradece-se ao Dr. Bernardo Barbosa, do Instituto Geológico e Mineiro, diversas sugestões relativas à geomorfologia da região em apreço.

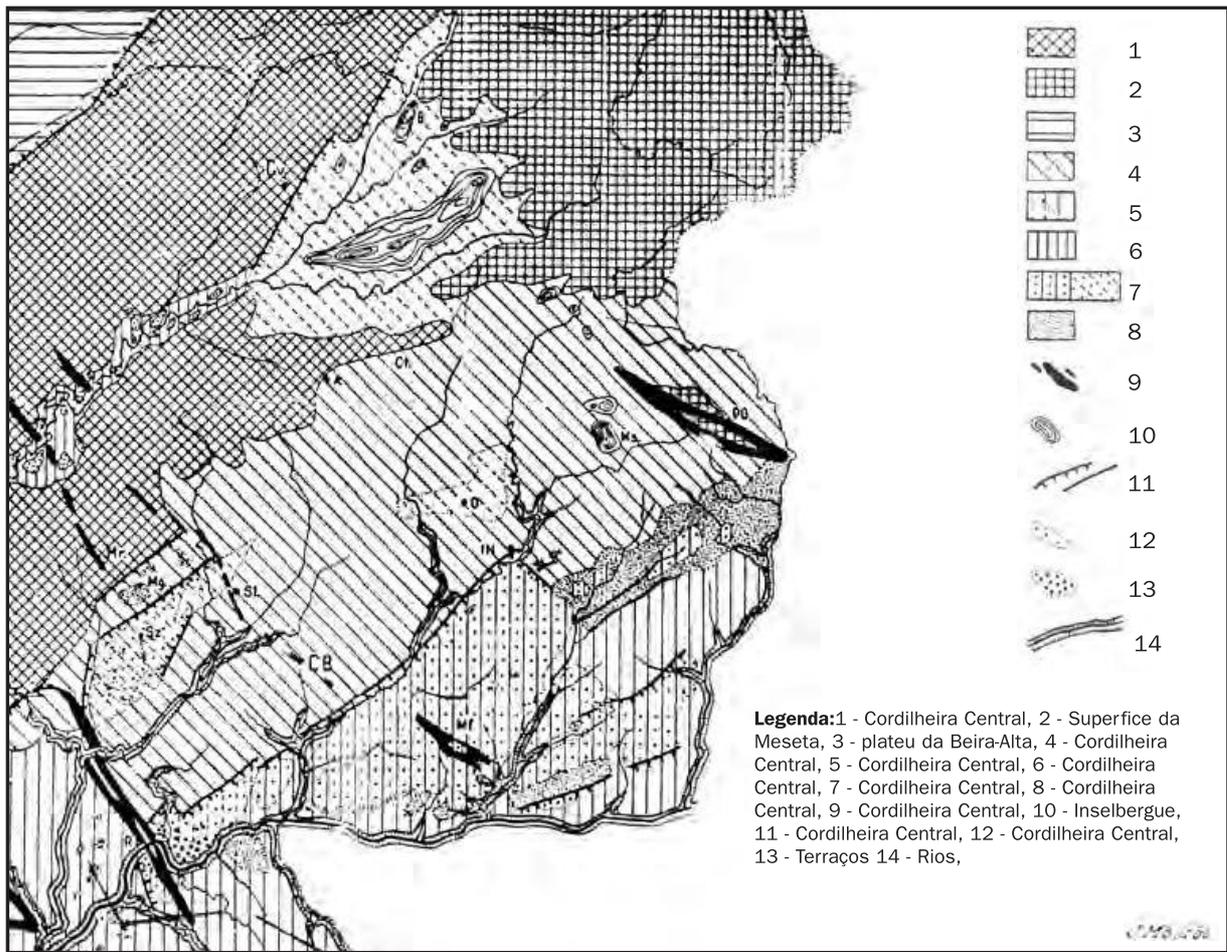


Fig. 1. Localização da Serra das Talhadas em esboço morfológico da Beira Baixa (seg. RIBEIRO, LAUTENSACH & DAVEAU, 1987).

A serra das Talhadas é o segmento meridional de um arco de montanhas, que envolve o planalto de Castelo Branco e Idanha, a Oeste e a Norte, constituído, em território português, pelas serras de Álvaro, Moradal, Gardunha, Estrela e Malcata.

Para grandes volumes de tráfego a crista quartzítica das Talhadas era de difícil transposição, embora apresentasse pontos de alguma vulnerabilidade que foram aproveitados para a instalação de vias de comunicação, terrestres e fluviais. Dois desses pontos coincidem com o atravessamento da Serra por cursos de água; o rio Ocreza e o rio Tejo.

*“Entre Castelo Branco e Abrantes, imediatamente à rearguarda de um bom obstáculo, a ribeira do Alvito, ergue-se uma escarpada linha de alturas – a serra das Talhadas – que é uma muralha contínua, perpendicular ao rio Tejo, de muito difícil transposição.*

*O Coronel Stockler afirmou «que estas montanhas constituem uma triplicada muralha constituída pela natureza na disposição mais própria para impedir a passagem da Beira Baixa para a Extremadura» (SANTOS, 1976).*

Os exércitos invasores que optaram pela entrada da Beira Baixa utilizaram estas passagens naturais, na sua progressão para ocidente, em direcção a Lisboa. Vejamos, em pormenor, cada uma destas passagens.

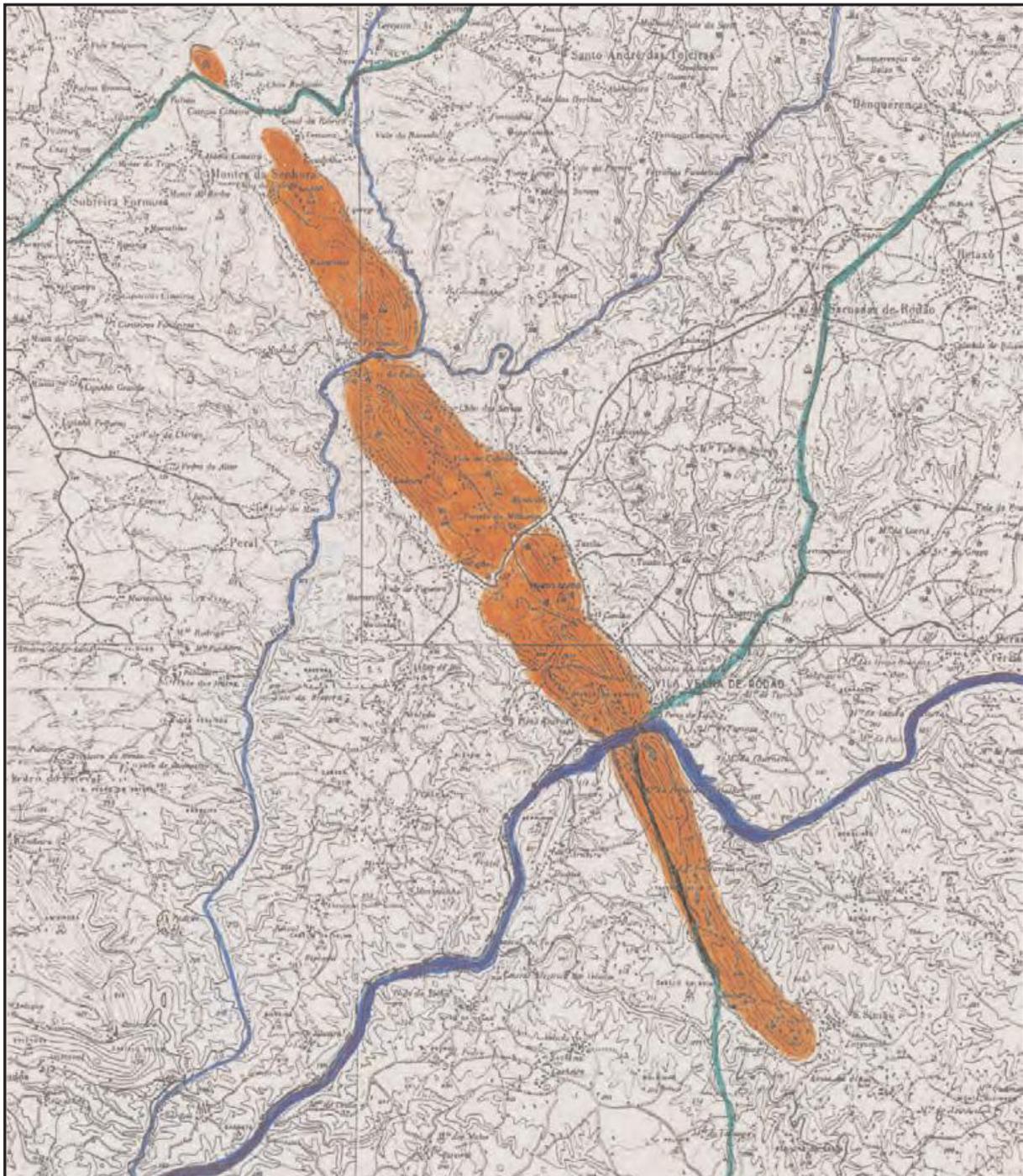


Fig. 2. Mapa de conjunto da Serra das Talhadas onde se localizam as portelas, as vias de comunicação e as estruturas militares.

### **Área de Vila Velha de Ródão / Porto do Tejo**

Por aqui passava o “caminho de carro” que ligava Castelo Branco ao Alentejo. Esta via era um eixo de comunicação fundamental para a região. A passagem do rio Tejo era feita em barcas. Esta via e a passagem sobre o rio aparecem representadas nos mapas incluídos neste texto.

Constata-se que as tropas invasoras, na sua progressão em direcção a Lisboa, preferiram as principais vias de comunicação, de carácter regional, que a partir de Castelo Branco

permitiam um andamento para Oeste (estrada para Sobreira Formosa e Cortiçada, hoje Proença-a-Nova) ou para Sul (estrada para Vila Velha de Ródão) e o transporte de artilharia. Esta última passagem foi admiravelmente documentada, no séc. XIX, por militares-artistas ingleses que integravam as tropas anglo-portuguesas. Algumas dessas gravuras foram apresentadas em exposição realizada no Museu de Francisco Tavares de Proença Júnior, em Castelo Branco (HORMIGO, 1983). Podem encontrar-se outras gravuras com o mesmo cenário em magnífico livro recentemente publicado pelo Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão (BATISTA, 2001). Cite-se por exemplo a pintura a óleo de Isaías Newton (1856), reproduzida na capa daquele livro e a gravura publicada em 1839 no jornal Panorama (Passagem do Tejo em Villa Velha: esboço do General Hawker, publicado por J. Murray em 1 de Janeiro de 1823, em Londres).

### **Portela da Milhariça**

Os mapas topográficos executados sob as ordens do Brigadeiro Luis Candido Cordeiro Pinheiro Furtado (FURTADO, s/d; FURTADO, AZEDO & FOLQUE, 1797) assinalam um caminho que ligava Vila Velha a Cerejal o qual seguia para Perdigão, transpondo a serra das Talhadas. O actual Itinerário Principal 2, em termos gerais, segue o percurso daquela antiga via na área da Portela da Milhariça.

Esta passagem foi guarnecida com contingentes militares durante a Guerra dos Sete Anos. Passagem do Rio Ocreza na Foz do Cobrão. Trata-se de uma passagem muito difícil, apenas acessível por “caminhos de pé posto”, de circulação local.

Num dos mapas topográficos elaborado pela Brigada do Real Corpo dos Engenheiros (FURTADO, s/d) não são representadas vias perpendiculares à crista quartzítica, entre Chão das Servas e Foz do Cobrão. A povoação de Foz do Cobrão era acessível através de uma via de comunicação que passava por Perdigão e Ladeira. Em Foz do Cobrão tinha início um caminho de ligação a Vale do Cobrão.

Num outro mapa relativo à mesma área (SA, 1797) está representado um caminho paralelo à crista que ligava Cerejal a Chão das Servas e se dirigia daqui para a Foz do Cobrão e/ou para o Concelho de Proença-a-Nova.

Estes caminhos de segunda ou terceira ordem parece terem sido utilizados durante a Guerra dos Sete Anos (1762). A este propósito afirma Luz Soriano (1867) que *“o posto que ocupava o conde de Santiago com mil homens, duzentos cavalos e oito bocas de fogo, é forte pela frente e pelo flanco direito, enquanto se estiver de posse das alturas de Perdigão, de Vila Velha e de uma passagem ordinária do Ocreza junto da confluyente desta torrente com a do Alvito”*.

Há cerca de 35 anos ainda era possível percorrer a vereda que ligava Chão das Servas a Sobral Fernando passando o rio Ocreza junto da foz da ribeira do Alvito. Deve ser esta a via mencionada na citação anterior.

### **Passagem entre Catraia Cimeira e Venda**

Entre as aldeias de Catraia Cimeira e Venda, no extremo Noroeste da serra das Talhadas, a crista apresenta uma larga passagem com mais de um quilómetro de abertura.

Por ali passava o “caminho de carro” que ligava Castelo Branco a Sobreira Formosa. “Seguindo de Vila Velha para o norte não se acham, numa extensão de dezoito léguas, para atravessar estas montanhas, senão duas estradas, sendo ambas elas más. Uma passa de Sarzedas a Sobreira Formosa e a outra vai pela montanha de S. Simão” (SORIANO, 1867). As vias de comunicação, atrás citadas, mantiveram-se em uso ao longo do tempo e correspondem “grosso modo” às estradas que ligam Sobreira Formosa e Oleiros à capital de distrito, Castelo Branco.

A memória popular regista referências a movimentos militares nesta zona e a um grande confronto militar na área de Catraia Cimeira “onde o sangue já chegava aos machinhos dos cavalos”.

## 2. As Estruturas Militares

A serra das Talhadas constituía, como se viu, um obstáculo natural ao avanço dos exércitos invasores em direcção a Lisboa.

As estruturas militares, que se apresentam no Quadro seguinte, tinham como objectivo impedir ou retardar esse avanço e foram construídas nos sítios onde a Serra era de mais

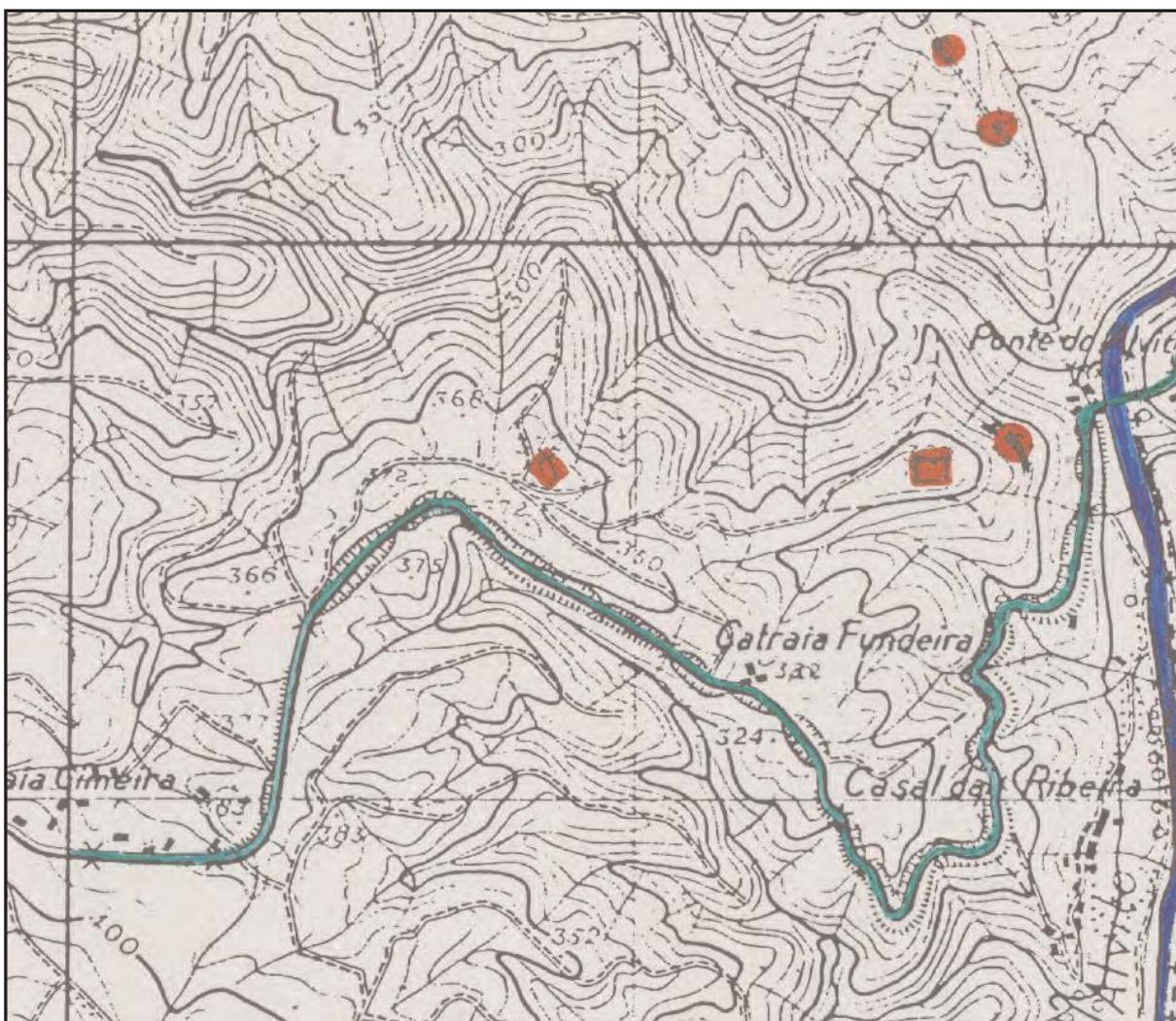


Fig. 3. Localização das estruturas militares existentes na área da Ponte da Alvito em extracto da folha 290 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000, ampliado.

fácil transposição, devido à existência de passagens naturais servidas por vias de comunicação principais.

Como afirma o Tenente-Coronel Valdez dos Santos *“a serra das Talhadas, embora só por si considerada inexpugnável, foi, contudo, durante a campanha de 1762, fortificada pelo Conde de Lippe que «quiz aumentar a força d’ esta forte posição» mandando construir vários redutos que, no dizer do Coronel Vasco Salema «os soldados de Junot puderam-nos admirar quando penosamente mas sem um único tiro, subiam as Talhadas»”* (SANTOS, 1976).

As estruturas militares identificadas até ao momento agrupam-se em dois núcleos; o de Catraia Cimeira e o de Vila Velha de Ródão. Estes núcleos coincidem com passagens naturais da serra das Talhadas e dominam, mais concretamente, os locais de atravessamento de cursos de água por estradas principais.

Admite-se, no entanto, que possam existir, ou terem existido, construções análogas noutros pontos da Serra. De facto, um relatório elaborado pelo Major Marquez de Castelo Melhor e pelo Alferes Manuel Jose Dias Cardozo (CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810) contém preciosas indicações quanto à existência de estruturas noutros pontos da Serra, nomeadamente na Portela da Milhariça: *“Para defender esta garganta, aonde passa hum ramo da estrada que vem de Castello Branco para Vila Velha, há quatro Baterias huma dentro*

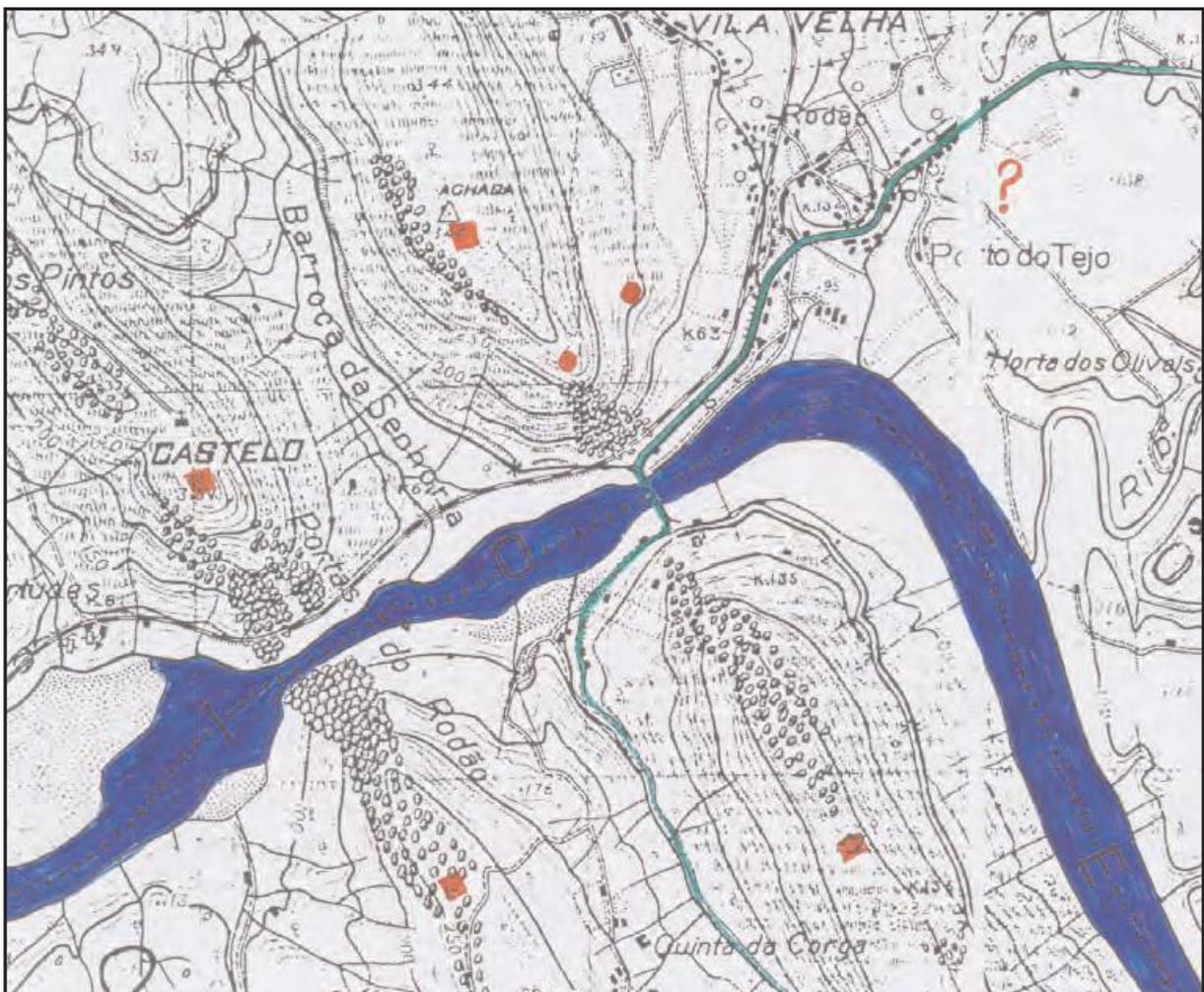


Fig. 4. Localização das estruturas militares da região de Ródão em extracto da folha 314 da Carta Militar de Portugal na escala 1:25000, ampliado.

*della, e trez fora, duas ao Norte, e huma ao Sul da Estrada, todas colocadas o melhor que he possivel naquelle Terreno...”.*

Já fora da serra das Talhadas aqueles militares referem a existência de outras fortificações, ainda não visitada pelos signatários:

- a) na zona de Muradal é referida a existência de cinco Baterias denominadas de Cardoza, da Portella do Muradal, de Santa Barbara, de Valle de Payo e de Santo Antonio;
- b) na zona de Orvalho são assinaladas três gargantas que estavam guarnecidas por outras tantas Baterias denominadas do Cabeço de Cruzes, do Cabeço Murado, das Aguas-Altas;
- c) “huma Legua na frente da Linha de Talhadas ao Muradal está a Bateria do Serno, guarnecida com huma peça que bate hum caminho de carro ...”;
- d) “... a retirada de Talhadas para Cardigos he quaze sempre vantajoza tendo apenas hum passo mão em frente da Sobreira Formoza, junto à ribeira da Froia, à quem desta Ribeira há hum reducto construido em 1801 (segundo dizem, pelos Ingleses) que mostra a necessidade de occuparmos aquelle ponto com duas das nossas peças ligeiras para favorecer a retirada ...”

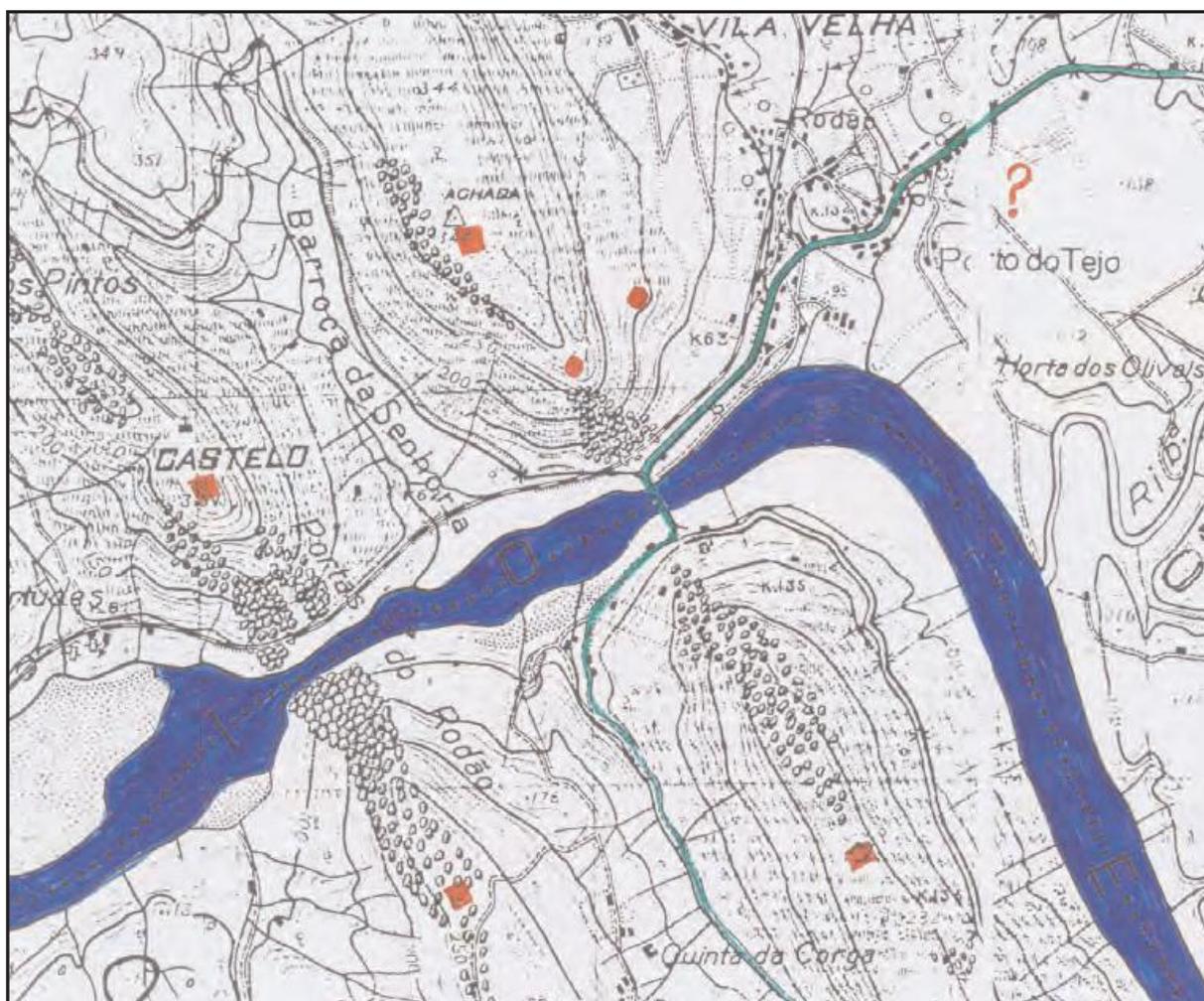


Fig. 5. Planta das obras de defesa projectadas em Vila Velha (seg. RAMOS, s/d).

Para a zona de Ródão existe um documento (RAMOS, s/d) que apresenta a localização e a configuração de diversas estruturas (redutos e baterias segundo a terminologia adoptada naquele documento), projectadas ou em construção.

Em termos de nomenclatura designamos por fortes ou fortins as construções de planta rectangular ou trapezoidal constituídas por um muro e/ou aterro, envolvido por um fosso escavado no solo. Os fortes apresentam-se sobrelevados em relação à área circundante e situam-se no topo de elevações.

As baterias observadas são caracterizadas por dois parapeitos lineares, convergentes e definindo um ângulo obtuso. Localizam-se, frequentemente, a meia encosta.

Na área da Ponte do Alvito, os fortes e as baterias são definidos por aterros de pedra e terra associados a muros de alvenaria de xisto, nas faces internas. Os aterros aproveitam o material retirado dos fossos, no caso dos fortes, ou a pedra resultante da escavação dos socalcos onde se instaram as baterias.

Exceptuando o castelo do Rei Vamba, os fortes e baterias podem ser datadas dos séculos XVIII e XIX e estão relacionados com a Guerra da Sucessão, com a Guerra dos Sete Anos e com a 1ª Invasão Francesa.

#### Quadro descritivo dos fortes e baterias identificados na Serra das Telhadas

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
Referência 1  Castelo do Rei Vamba  Vila Velha de Ródão  Castelo  Sécs XII - XIX  314, 315 m  380977 Gauss  2000	A construção original de uma torre de vigia ou de um castelo sobre as Portas de Ródão data da Idade Média, do tempo dos Templários. No entanto, nos Sécs XVIII e XIX esta posição foi utilizada pela artilharia luso-inglesa com a finalidade de impedir a travessia do Tejo pelos exércitos invasores (ALORNA, 1801a, ALORNA, 1801b, SORIANO, 1867). Os trabalhos arqueológicos ali realizados em 1999 (CORREIA 2000) permitiram documentar a construção de estruturas de cronologia moderna, contem-porâneas daquelas invasões.  Razoável estado de conservação. Tem muito interesse turístico e didáctico. Posição panorâmica. É alvo de intervenção no âmbito dos projectos VAMBE e AÇAFA.  ALORNA, 1801a; ALORNA, 1801b; CANINAS, HENRIQUES & GOUVEIA, 1997; CORREIA, 2000; NUNES, 1982; SORIANO, 1867.

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 2</p> <p>Torre Velha</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Forte ?</p> <p>Séc. XVIII ou XIX</p> <p>314, 330-340 m</p> <p>386983 Gauss</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Actualmente observa-se uma parede em forma de L, com talude na face exterior. A face maior é perpendicular à linha de festo e mede 25 metros de comprimento. A face menor é perpendicular à primeira, está voltada para o Castelo de Vila Ruivas e mede cerca de 5,5 metros. O talude exterior, em declive, tem cerca de 8 metros de largura. Esta estrutura não corresponde ao forte de planta quadrangular projectado no plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos. O acesso a este local, bem como às estruturas da Achada e Baterias fazia-se, a partir de Ródão, por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como “estrada de comonicação já acabada” e que ainda era visível, com calçada rústica, há cerca de 15 anos. Parece corresponder à denominada Bateria do Alto que, segundo CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, “bate de enfiada a grande distancia a Estrada de Castello Branco”, mas “está porem muito mal construida”. Um reconhecimento militar de 1805, copiado do Arquivo do Marquês de Alorna, também assinala uma bateria neste local (BATISTA, 2001). O topónimo Torre Velha surge associado na cartografia militar ao vértice geodésico existente nas proximidades da bateria descrita. No entanto, não é impossível que o topónimo original se localizasse em Vila Velha de Ródão, entre a Igreja Matriz e o Cemitério. É ali que se situa, aliás, a Quinta da Torre Velha. Em Vila Velha também existiu uma rua da Trincheira (HENRIQUES &amp; CANINAS, 1986a). Estes dois factos, a que podemos acrescentar o achado em 2001 de balas de canhão, em ferro, no decurso de uma obra também em Vila Velha (indicativos da proximidade de peças de artilharia) levam-nos a admitir a hipótese de ter existido uma bateria na área da sede do concelho.</p> <p>Estado de conservação e interesse turístico/didático Mau estado de conservação. Com algum interesse. Poderá ser integrada num percurso.</p> <p>BATISTA, 2001: p. 84; CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810; HENRIQUES &amp; CANINAS, 1980; RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 3</p> <p>Batarias</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Bateria</p> <p>Séc. XVIII ou XIX</p> <p>314, 250-290 m</p> <p>389980 Gauss</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Bateria implantada no topo da serra da Vila, no rebordo voltado para o rio Tejo. No local observa-se uma estrutura semi-circular aberta a noroeste, com 13 metros de separação entre paredes. É feita em pedra seca. A largura do derrube é de 8 metros e a da muralha é de 1,5 m. A muralha parece ter sido reforçada. Quanto à configuração, esta estrutura não corresponde à projectada no plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos. Naquele mapa está registado o projecto de um “intrincheiramente para flanquear a bateria” da Achada, com a forma de ângulo muito aberto. Na serra da Vila, sobre a Achada, era frequente, até há poucas décadas, encontrarem-se balas de canhão, em ferro. O acesso a este local, bem como às estruturas da Achada e Torre Velha fazia-se, a partir de Ródão, por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como “estrada de comonicação já acabada” e que ainda era visível, com calçada rústica, há cerca de 15 anos. Parece corresponder à denominada Bateria do Morro que, segundo CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, “bate de modo q. he possivel a Estrada de Niza, e a margem Esquerda do Tejo junto à Ponte” (de barcas). Um reconhecimento militar de 1805, copiado do Arquivo do Marquês de Alorna, assinala uma bateria neste local (BATISTA, 2001).</p> <p>Mau estado de conservação. Tem interesse dada a posição panorâmica que proporciona.</p> <p>BATISTA, 2001: p. 84; CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810; HENRIQUES &amp; CANINAS, 1980; RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 4</p> <p>Achada</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Bateria</p> <p>Séc. XVIII</p> <p>314, 200 m</p> <p>391984 Gauss</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Implantada a meia encosta da serra da Vila, no sítio da Achada. Estrutura em ângulo obtuso constituída por dois braços lineares. O ponto de união dos braços é arredondado. Cada um dos braços tem 25 metros de comprimento. A muralha é constituída por dois panos de alvenaria adoçados. No exterior, a altura máxima, no ponto central, é de 3 metros. Controlava a via de acesso ao Porto do Tejo. Esta estrutura corresponde à que está representada no plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos, uma “bateria em que actualmente se trabalha, e que deve flanquear a obra C” (ou seja, a estrutura projectada para o Cabeço do Salvador). O acesso a este local, bem como às estruturas das Baterias e Torre Velha fazia-se, a partir de Ródão por uma estrada de encosta, indicada naquele Plano como “estrada de comonicação já acabada” atrás citada. Poderá corresponder à denominada Bateria da Praça onde, segundo CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, “há duas Peças assestadas a diferentes lanços de parapeito de hum reduto, que parece Ter alli existido e batem a Estrada de Castello Branco, e a Ponte sobre o Tejo, e a terceira está assestada a hum parapeito construido em 96 ou 801, para bater a mesma Estrada em maior distancia”. Mais adiante, aqueles militares confirmam que a Bateria da Praça fica em posição inferior à Bateria do Morro, embora afirmem que estão distanciadas de “vinte passos mais ou menos”, o que não é compatível com a posição das estruturas já citadas.</p> <p>Bom estado de conservação. Posição panorâmica. Tem muito interesse.</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810; HENRIQUES &amp; CANINAS, 1980; RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referências 5</p> <p>Cabeço do Salvador</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Bateria ?</p> <p>314, 138 m</p> <p>403984 Gauss (ponto central)</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Desta estrutura não restam vestígios. No local existem dois grandes tanques construídos há algumas décadas. No plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos está projectada uma construção de planta sub-triangular com o vértice voltado a oriente e aberta a ocidente. Num outro mapa é desenhada uma construção de planta quadrangular (forte) com possível fosso. Deve admitir-se a possibilidade de esta estrutura não ter sido construída. Temos informação que existiram paredes, neste local, antes da construção dos tanques.</p> <p>Inexistente. Sem interesse, excepto como ponto de observação da paisagem envolvente.</p> <p>RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 6</p> <p>Castelo</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Bateria ?</p> <p>Não determinado</p> <p>314, 290-300 m</p> <p>378979 Gauss</p> <p>2000</p>	<p>Situa-se no lado direito do caminho que dá acesso ao castelo de Vilas Ruivas, a cerca de 50 metros a norte da capela da Senhora do Castelo. É uma muralha em forma de L de grande espessura.</p> <p>Mau estado de conservação. Interesse médio. Insere-se no espaço de intervenção dos projectos VAMBA e AÇAFA.</p> <p>HENRIQUES &amp; CANINAS, 1986.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 7</p> <p>Encosta do Castelo</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Bateria ?</p> <p>Não determinado</p> <p>314, 200 m</p> <p>380979 Gauss</p> <p>1977</p>	<p>Estrutura situada na encosta do Castelo, voltada a nascente. É constituída por grossa muralha apoiada entre dois grandes blocos de quartzito.</p> <p>Mau estado de conservação. Algum interesse. Insere-se no espaço de intervenção dos projectos VAMBA e AÇAFA.</p> <p>HENRIQUES &amp; CANINAS, 1986.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 8</p> <p>Portas de Ródão</p> <p>Vila Velha de Ródão</p> <p>Não determinado</p> <p>Não determinado</p> <p>314, 200 m</p> <p>381976 Gauss</p> <p>1977</p>	<p>Estrutura situada no morro norte das Portas de Ródão. É constituída por uma grossa parede que fecha o acesso ao Castelo em relação a uma incursão oriunda do rio Tejo.</p> <p>Mau estado de conservação. Algum interesse. Insere-se no espaço de intervenção dos projectos VAMBA e AÇAFA.</p> <p>HENRIQUES &amp; CANINAS, 1986.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 9</p> <p>Serra do Paúl 1</p> <p>Nisa</p> <p>Bateria ?</p> <p>314</p> <p>-1986</p>	<p>O plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos indica uma estrutura em projecto.</p> <p>No local não foi identificada qualquer estrutura.</p> <p>Sem interesse.</p> <p>RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didáctico</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referências 10</p> <p>Serra do Paúl 2</p> <p>Nisa</p> <p>Bateria</p> <p>Séc. XVIII ou XIX</p> <p>314, 270 m</p> <p>396968 Gauss</p> <p>1986</p>	<p>Estrutura implantada na serra do Paul, sobranceira ao rio Tejo. É constituída por um simples cordão de blocos quartzíticos de tamanho médio, com uma largura máxima de três metros e com altura actual de 50 cm. Originalmente não deveria ser muito mais alta. O seu comprimento total é de 26 metros. Formaria um grande ângulo se a sua configuração não fosse arredondada. Este local domina o Porto do Tejo e o caminho da Corga, mas não o rio Tejo. O plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos indica um reduto projectado para este local, de planta quadrangular. Por sua vez o Marquez de Alorna (ALORNA, 1801b), em carta dirigida ao general Forbes, pode estar a referir-se a esta estrutura quando afirma “eu vou á manhã a villa Velha, para concluir o estabelecimento da Ponte, e farei toda a deligencia por fazer alguma obra na montanha de S. Miguel, de sorte que logo que lá chegarem as pèssas de maior calibre tenham o seu lugar feito.”</p> <p>Mau estado de conservação. Tem interesse, principalmente decorrente da posição panorâmica sobre as Portas e a bacia tectónica de Ródão.</p> <p>ALORNA, 1801b, HENRIQUES &amp; CANINAS, 1986; RAMOS, s/d.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 11</p> <p>Serra da Corga</p> <p>Nisa</p> <p>Bateria</p> <p>Não determinado</p> <p>314, 280 m</p> <p>387966 Gauss</p> <p>1974</p>	<p>Bateria implantada na linha de fecho da serra da Corga, constituída por vala e talude. No plano do Tenente Coronel Manoel de Souza Ramos esta estrutura não é mencionada.</p> <p>Pela excelente posição estratégica que ocupa visitámos ainda uma pequena plataforma situada na margem esquerda do Ribeiro da Corga, sobranceira ao local de passagem no rio Tejo e à estrada para Nisa. O local apresenta profundo revolvimento por escavadora e uma cobertura de mato, eucaliptos, algumas oliveiras e muros. Nos muros, aparentemente recentes, observam-se blocos com pátines envelhecidas. Não excluimos a hipótese de ter aqui existido uma bateria ou forte, hoje destruídos pelas terraplanagens. Um reconhecimento militar de 1805, copiado do Arquivo do Marquês de Alorna, assinala uma bateria neste local (BATISTA, 2001).</p> <p>Mau estado de conservação à data da sua identificação. Reduzido interesse.</p> <p>BATISTA, 2001: p. 84; HENRIQUES &amp; CANINAS, 1980.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 12</p> <p>Couratão 1</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Forte</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 372 m</p> <p>39° 48' 32" N</p> <p>07° 45' 52" W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>O forte situa-se no cimo do Cabeço do Couratão. Sobre o aterro do reduto foi colocado o marco geodésico "Talhadas". Trata-se de estrutura de planta trapezoidal, com entrada voltada a Oeste, cujos lados apresentam as seguintes medidas (tomadas no topo do aterro): lado Norte 2580 cm; lado Sul 2580 cm; lado Leste, voltado para o rio, 2580 cm; lado Oeste, correspondente à entrada, 2370 cm. Apresenta fosso envolvente. A largura do fosso (medida entre o topo do aterro interior e o aterro exterior que ladeia o fosso) é de cerca de 580 cm. O marco geodésico situa-se sobre a esquina SE do aterro. A área está envolvida por pinheiros, medronheiros e diversos arbustos. Valdez dos Santos refere este forte em trabalho já citado. "No alto da Serra das Talhadas, à cota dos 370 metros, os franceses esbarraram com o fortim que o Marquês de Alorna, em 1801, mandou construir, certamente com vista a bater os caminhos de acesso ao Colo da Venda. Ainda hoje se podem ver as ruínas dessa pequena fortificação passageira, um quadrado com 20 x 20 m., de paredes de terra batida revestida, nalguns pontos, a pedra, com um ligeiro fosso proveniente do movimento de terras tendo, na face sul, descentrada, uma pequena ponte maciça e a entrada, esta relativamente estreita" (SANTOS, 1976: 100).</p> <p>Razoável estado de conservação. Tem muito interesse.</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810; SANTOS, 1976.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 13</p> <p>Couratão 2</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Bateria ?</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 340-350 m</p> <p>39º 48´ 26´´ N</p> <p>07º 45´ 49´´ W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Numa cota intermédia entre o forte e a bateria de encosta, observa-se, numa pequena chã, uma sucessão de fossos e aterros de difícil compreensão. Apresentam-se perpendiculares à linha de fecho e voltados para o rio. Observam-se também alguns muros de pedra seca que poderão não estar relacionados com fins agro-florestais. Zona ocupada com pinhal e mato.</p> <p>Estado de conservação e interesse turístico/didático Mau estado de conservação. Reduzido interesse (turístico).</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 14</p> <p>Couratão 3</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Bateria</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 320-330 m</p> <p>39º 48´ 13´´ N</p> <p>07º 45´ 42´´ W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>A bateria situa-se numa encosta em crista sobranceira à Ponte do Alvito. É de difícil identificação até pela sua avançada degradação (em parte devido à instalação de oliveiras). Não foi possível medir o seu comprimento. Foi reconhecida pela presença de um aterro e de um fosso interior, ou socalco, que se desenvolve em arco (?) ao longo de uma curva de nível. Há muros de suporte de oliveiras em cima do aterro que define a bateria. A área está coberta de oliveiras, pinhal e mato.</p> <p>Mau estado de conservação. Reduzido interesse (turístico).</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 15</p> <p>Batarias 1</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Forte</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 323 m</p> <p>39º 48' 01" N</p> <p>07º 45' 51" W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Forte sobranceiro à Ponte do Alvito (ou Barca do Alvito ao tempo da sua construção). Trata-se de estrutura trapezoidal envolvida por fosso. Foi atravessado, transversalmente (na direcção da entrada ?; eixo Este-Oeste), por um estradão florestal. São as seguintes as medidas interiores dos vários lados: lado Oeste 2280 cm; lado Este 2200 cm; lado Sul 2460 cm; lado Norte 2480 cm. Apresenta revestimento interior de pedra seca de xisto (e escassos blocos de quartzo leitoso), nas faces Oeste e Sul do aterro que define o reduto; têm cerca de 90 cm de altura. A zona está ocupada por pinhal e arbustos.</p> <p>Estado de conservação e interesse turístico/didático Razoável estado de conservação. Tem muito interesse.</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 16</p> <p>Batarias 2</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Bateria</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 260-270 m</p> <p>39º 48' 04" N</p> <p>07º 45' 45" W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>Trata-se de estrutura definida por duas paredes irregularmente lineares e formando um ângulo muito aberto, voltado para o interior. No topo do ângulo observa-se uma abertura correspondente a possível boca de canhão. Para a construção deste dispositivo foi aberto um soalco na rocha e construídos dois aterros lineares com muro de pedra seca no interior. O braço jusante tem cerca de 35 m de comprimento e o braço montante 70 m. A distância entre a escarpa interior (produzida pela escavação do soalco) e o ponto de encontro dos dois braços da bateria é de 950 cm. Situa-se em encosta sobranceira à Ponte do Alvito, em cota inferior à do reduto. A área tem densa cobertura arbustiva e arbórea.</p> <p>Razoável estado de conservação. Tem muito interesse.</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810.</p>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nº de Referência</li> <li>• Designação</li> <li>• Concelho</li> <li>• Tipologia</li> <li>• Cronologia</li> <li>• Carta Militar, Cota</li> <li>• Coordenadas Geográficas ou Hectométricas</li> <li>• Data da observação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Descrição</li> <li>• Estado de conservação e interesse turístico/didático</li> <li>• Referências</li> </ul>
<p>Referência 17</p> <p>Catraia Fundeira</p> <p>Proença-a-Nova</p> <p>Forte</p> <p>Séc. XIX</p> <p>290, 372 m</p> <p>39º 48´ 02´´ N</p> <p>07º 46´ 20´´ W</p> <p>Maio 2000</p>	<p>É uma construção de planta irregularmente trapezoidal. É um aterro com fosso exterior em quase todo o perímetro. Tem vestígios de porta no lado voltado a NO. No interior do reduto observa-se um forro constituído por muro de pedra seca com cerca de 70 cm de altura. O aterro e a parede têm uma largura aproximada de 500 cm. O lado correspondente à porta tem cerca de 2750 cm de comprimento (interior), o lado oposto tem 2430 cm, o lado SO tem 2350 cm e o lado SE 2450 cm de comprimento. Na área envolvente observam-se trilhos escavados no xisto correspondentes a antigas vias fosséis.</p> <p>Estado de conservação e interesse turístico/didático Razoável estado de conservação. Tem muito interesse.</p> <p>CASTELO MELHOR &amp; CARDOZO, 1810.</p> <p>No relatório já citado (publicado em SANTOS, 1976), referem a existência de sete reductos na zona de Talhadas, que supomos corresponder à envolvente da Ponte do Alvito. Para seis daqueles fortes são fornecidas as seguintes denominações: do Carmo; da Conceição, de São Pedro, de Santo Antonio, de São Jorge, de Santa Bárbara. Não foi possível, nesta fase, correlacionar aqueles fortes com as estruturas identificadas em campo. Nas pesquisas efectuadas no arquivo do Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, do Estado-Maior do Exército, não se encontraram mapas relativos a este sistema defensivo. Francisco Tavares de Proença Júnior visitou estes fortes no início do século XX. A seguinte transcrição, de um manuscrito pertencente ao acervo documental do Museu de Castelo Branco, mostra que aquele tipo de estruturas, militares, também interessou ao distinto arqueólogo beirão.</p>

## **17 – Fortificações antigas**

*Soube há pouco pelo P.e José Ribeiro Cardoso que entre Sarzedas e Sobreira Formosa e proximo da Ribeira do Alvito existem uns redutos, fortificações temporarias formadas por um recinto limitado por um fosso escavado na terra. Soube tambem há pouco por outra pessoa que n' esses recintos appareceram peças de artilharia (?) Segundo a descripção feita esses recintos que lá são conhecidos pelo nome de Fortes teem a configuração representada em córte na fig. 12.*

*A parte pontilhada em B da fig. 12 mostra aproximadamente qual seria a forma da colina no alto da qual se escavou este reducto.*

*Isto data, naturalmente da 1ª invasão francesa. Como ainda não observei nada posso dizer por hora. (São fortalezas provisórias do tempo das invasões. Creio não chegaram a servir. Tem lá apparecido algumas peças (em bronze?). Visitei e levantei planta do local em Outubro de 903; Visitei 7 fortins.”*

De acordo com a documentação disponível as estruturas situadas na zona de Ródão, na Serra do Paúl e na crista sobranceira a Vila Velha de Ródão, são datáveis, provavelmente, do século XVIII (RAMOS, s/d), sendo garantido que a Bateria da Achada já estava construída à data daquele documento. Os fortes e baterias situados sobre a Ponte do Alvito terão sido construídos no início do Século XIX, logo após 1801 e necessariamente antes de 1810 (CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810), a avaliar pelo seguinte testemunho do Marquez de Alorna (ALORNA, 1801a): “Desde Villa Velha até ao Zézere corre uma cordilheira de montanhas, que offerece só dois pontos de ataque, como já disse em outra ocasião, e vem a ser as Talhadas, e a posição formidavel de Sam Simão - a primeira vai ser fortificada com redutos, a segunda tem força natural, e basta que seja guarnecida com gente, e alguma Artilharia ligeira, em quanto não formos obrigados a occupal-a com o Exercito.”

Consideramos do maior interesse continuar os trabalhos de identificação de estruturas deste tipo no sistema montanhoso situado a ocidente de Castelo Branco. Nesse âmbito será pertinente estabelecer comparações com estruturas contemporâneas existentes noutras áreas de Portugal, nomeadamente com as Linhas de Defesa de Lisboa, vulgarmente designadas por Linhas de Torres (BAPTISTA, s/d; EÇA & SOUSA, s/d; SOUSA, s/d). Aqui bem perto, no concelho de Tomar é assinalado um fortim, no sítio denominado Bateria, sobranceiro ao rio Zêzere (BATATA, 1997, sítio 124), também relacionado com as Invasões Francesas.

A terminar, é de realçar que, para além dos testemunhos materiais agora apresentados, a tradição oral retém memória dos dramáticos acontecimentos associados à 1ª Invasão Francesa. São disso exemplo, no concelho de Ródão, diversos topónimos (v. Barroca dos Franceses), diversos contos e lendas (SOROMENHO, 1965) e até a referência ao local de enterramento de um soldado francês, morto pela população local após se ter perdido do grosso das tropas invasoras (v. Tapada da Navejola, Perais, in HENRIQUES & CANINAS, 1986).

### **3. Comentários Finais**

Como atrás se afirmou, as estruturas militares identificadas na serra das Talhadas têm manifesto interesse patrimonial e constituem importantes documentos materiais da história militar da Beira Baixa. Julga-se pertinente atribuir a estas construções o estatuto de património arqueológico e a sua integração nos inventários do património municipal a consagrar nos respectivos planos directores municipais.

As estruturas militares identificadas na serra das Talhadas, em áreas pertencentes aos concelhos de Vila Velha de Ródão e Proença-a-Nova, integram um mesmo sistema defensivo. Por isso, seria do maior interesse promover a cooperação entre aquelas duas autarquias na valorização turístico-didáctica daqueles valores patrimoniais, com a instituição de uma rede percursos e respectiva divulgação.

Às autarquias de Ródão e Proença, caberia em primeiro lugar promover a salvaguarda daqueles fortes e baterias, de parceria com os respectivos proprietários, e a valorização dos exemplares melhor conservados. Outra medida de salvaguarda e divulgação foi já sugerida ao Instituto Geográfico do Exército; a localização dos principais fortes e baterias nas futuras edições da carta Militar de Portugal.

As medidas de conservação e valorização mais directas passariam pela limpeza (melhorando assim a sua visibilidade) e ordenamento do espaço envolvente dos fortes e baterias (trata-se de áreas sujeitas a fogos florestais), a criação ou manutenção de acessos e a instalação de sinalética adequada.

Deverá procurar-se minimizar o impacte dos fogos florestais sobre aquelas estruturas e adoptar medidas que garantam a conservação e estabilidade dos aterros face a factores naturais (chuva) e antrópicos (uso florestal, corte e transporte de toros, pisoteio dos visitantes).

A Associação de Estudos do Alto Tejo manifesta disponibilidade para colaborar naquelas iniciativas no que concerne à continuação das pesquisas, e estudos de cariz histórico-arqueológico sobre as estruturas militares, e à preparação de material didáctico de apoio aos visitantes e, eventualmente, a elaboração de propostas de classificação de alguns daqueles imóveis.

### **Bibliografia e cartografia**

- ALORNA, 1801a, “Plano e disposições para a deffesa da fronteira entre o Tejo e o Douro, desde Villa Velha até ao Escallão pelo Marechal de Campo Marquez de Alorna datado de 26 de Março de 1801”, Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 18, p. 79-84, Lisboa, 1948.
- ALORNA, 1801b, “Copia da correspondencia, relativa ao plano de defeza do Reino, derigida pelo Marquez de Alorna ao General Forbes”, Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 18, p. 85-90, Lisboa, 1948.
- BAPTISTA, Coronel Engenheiro Francisco Eduardo, s/d, Roteiro da Linha de Torres Vedras, mapa na escala 1:50000, Estado Maior do Exército, Lisboa.
- BATATA, Carlos, 1997, As Origens de Tomar. Carta Arqueológica do Concelho, Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, 358p, Tomar.
- BATISTA, Graça, 2001, Vila Velha de Ródão. Viagens do Olhar, Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão, 240p.
- CANINAS João Carlos, HENRIQUES, Francisco & GOUVEIA, Jorge, 1997, “O Castelo de Ródão e a Capela da Senhora do Castelo”, Ibn Maruan, 6, p. 183-203, Câmara Municipal de Marvão.
- CASTELO MELHOR & CARDOZO, 1810, “Sobre o Giro que por ordem do Illmo e Exmo Sor Tenente General Antonio Jozé de Miranda Henriques fizeram os Ajudantes de Campo Marquez de Castelo Melhor e Manoel Jozé Dias Cardozo, pelas Linhas e posições de Talhadas, Aguas Quentes e S. Domingos”, in SANTOS, 1976, Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 46, p. 445-456, Lisboa, 1976.
- CORREIA, Fernando Branco, 2000, Relatório dos trabalhos levados a cabo no Castelo de Vila Velha de Ródão (Projecto Açafa).
- EÇA, L. H. da Cunha de & SOUSA, Manuel Joaquim Brandão de, s/d, Plantas e Missões das Fortificações da Linha de Torres e de Oeiras, Estado Maior do Exército, Lisboa.
- FURTADO, Brigadeiro Luis Candido Cordeiro Pinheiro, AZEDO, Sargento-Mor Euzebio Dias & FOLQUE, Capitão Pedro [oficiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros], 1797, Mapa topográfico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano ate a Foz do Cabrão.
- FURTADO, s/d, Brigadeiro Luis Candido Cordeiro Pinheiro, Mapa topográfico das montanhas comprehendidas entre os rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano ate a Foz do Cabrão levantada pelos oficiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros.
- HENRIQUES, Francisco J. R., 1973, “Mito e Realidade no Passado de Vila Velha de Ródão”, Época Juvenil, 4 de Abril, Lisboa.
- HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos, 1980, “Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa”, Preservação, nº 3, 82 p, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos, 1986a, “Toponímia do Concelho de Vila Velha de Ródão”, Preservação, nº 5, 57 p, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, Francisco & CANINAS, João Carlos, 1986b, “Nova Contribuição para a Carta Arqueológica dos Concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa”, Preservação, nº 7, 79 p, Núcleo Regional de Investigação Arqueológica, Vila Velha de Ródão.
- HORMIGO, José Joaquim Mendes, 1983, A Beira Baixa vista por Artistas Estrangeiros (sécs XVIII-XIX), Museu Francisco Tavares de Proença Jr, Castelo Branco, 56p.
- NUNES, Tenente-Coronel António Lopes Pires, 1982, “Torres de Vigia da Beira Baixa”, Livro do I Congresso sobre Monumentos Militares Portugueses, Associação Património XXI, Lisboa.

NUNES, Tenente-Coronel António Lopes Pires, 1991, Dicionário Temático de Arquitectura Militar e Arte de Fortificar, Estado Maior do Exército, Direcção do Serviço Histórico Militar, 249 p., Lisboa.

RAMOS, Tenente-coronel Manoel de Souza, s/d, Plano de huma parte do Tejo junto a Villa Velha que mostra a Ponte das Barcas, os caminhos de comunicação e as obras de fortificação de campanha projectadas para a sua defença.

RIBEIRO, Orlando, LAUTENSACH, Herman & DAVEAU, Suzanne, 1987, Geografia de Portugal. 1. A Posição Geográfica e o Território, 334p, Edições Sá da Costa, Lisboa.

SA, 1797, Carta Topográfica das Montanhas comprehendidas entre o Tejo e Ocreza desde as Portas-de-Rodão até a Foz do Cabrão.

SANTOS, Tenente-coronel N. Valdez dos Santos, 1976, "A ocupação francesa de Junot segundo documentos existentes no Arquivo Histórico Militar", Boletim do Arquivo Histórico Militar, vol. 46, p. 85-462, Lisboa.

SORIANO, Simão José da Luz, 1867, História do Reinado del-Rei D. José I e da Administração do Marquez de Pombal, 2 tomos (555+644 p), Typographia Universal, Lisboa.

SOROMENHO, Paulo Caratão, 1965, "Lendário Rodanense", Revista de Portugal, série A, vol. 30, p.430-447.

SOUSA, Manuel Joaquim Brandão de, s/d, Carta Geral Militar e Topográfica da Linha de Lisboa, três plantas, Estado Maior do Exército, Lisboa.

## **Anexos**

1. Mapa Topographico das Montanhas comprehendidas entre os Rios Tejo e Ocreza desde as portas de Rodano ate a Foz do Cabrão; levantada pelos Officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros comandada pello Brigadeiro Luis Candido Coordeiro Pinheiro Furtado.
2. Carta Topographico das Montanhas comprehendidas entre o Tejo e Ocreza desde as Portas-de-Rodão até a foz do Cabrão. Anno 1797.
3. Villa Velha. Mapa Topografico das Montanhas Comprehendidas entre os Rios Tejo e Ocreza desde as Portas de Rodano alhe á Foz do Cabrão, levantado pelos Officiais da Brigada do Real Corpo dos Engenheiros, Commandada pelo Brigadeiro Luis Candido Coordeiro Pinheiro Furtado, o Sargentomór Euzebio Dias Azedo e o Capitão Pedro Folque em Maio de 1797. Copiada em 1839.
4. Mappa Topografico da parte do Tejo pertencente a V<sup>a</sup> Velha coforme o estado em que se achava no dia 24 de Abril de 1797. João Rafael Nogueira fecit.
5. Configuração do Tejo em Vila Velha e vista dos montes observados do lugar A onde se ??? a ponte de Barcas. João Rafael Nogueira.

## Apoios



Junta de Freguesia  
de Vila Velha de Rodão

